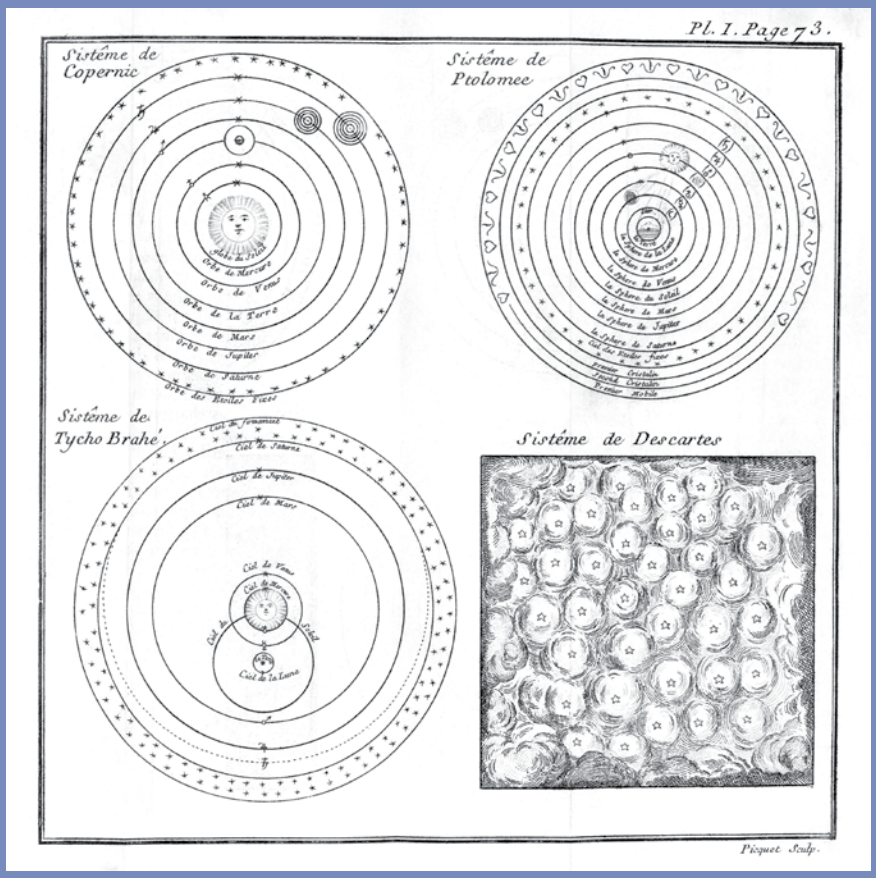
Aranha

TEORIAS DO CONHECIMENTO



SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

Diagrama de quatro modelos históricos de órbitas planetárias publicado em Paris em 1777. Em sentido horário, a partir da direita: o modelo geocêntrico de Ptolomeu, com a Terra no centro; as teorias dos movimentos planetários que incluíam os vórtices de Descartes; o de Tycho Brahe, que tentou manter o Sol orbitando uma Terra estacionária; e o modelo heliocêntrico (1543) de Copérnico, com o Sol no centro.

CAPÍTULOS

1 Antiguidade e Idade Média: a busca da verdade
2 De Descartes a Hume: a metafísica da modernidade
3 De Kant a Marx: a crítica à metafísica
4 Filosofia contemporânea: a crise da razão

Sistema Educacional por Competências
UNO INTERNACIONAL

Os limites do conhecer

"Desde que o entendimento situa o homem acima dos demais seres sensíveis e lhe dá toda vantagem e domínio sobre eles, [seu estudo] é certamente tema que, pela própria nobreza, é digno de nosso trabalho de investigação. O entendimento, como o olho, ao passo que nos faz ver e perceber todas as outras coisas, não se detém sobre si mesmo e requer arte e dores para situar-se a distância e fazer de si seu próprio objeto. Mas quaisquer que sejam as dificuldades que residam na maneira deste questionamento, qualquer que seja o que nos mantenha tanto no escuro para nós mesmos, estou certo de que toda luz que pudermos lançar sobre nossa mente, toda aproximação que pudermos fazer com nossos entendimentos não serão só muito oportunas, mas também nos trarão grande vantagem em direcionar nossos pensamentos na procura de outras coisas."

LOCKE, John. Introdução. Em: *Ensaio sobre o entendimento humano*. Disponível em: <www.gutenberg.org/files/10615/10615.txt>. Acesso em: 29 jun. 2009.

Objetivos **Professor:** Consulte o **Plano de Aulas**. As orientações pedagógicas e sugestões didáticas facilitarão seu trabalho com os alunos.

Ao final deste módulo, você deverá ser capaz de:

- reconhecer as principais características do campo da filosofia denominado teoria do conhecimento;
- compreender as principais respostas que os filósofos deram às questões: O que é o conhecimento verdadeiro? É possível alcançar alguma certeza?;
- analisar as transformações ocorridas a partir da modernidade, com a mudança do foco de discussões para os limites do sujeito que conhece;
- discutir como os contemporâneos criticam o conceito clássico de verdade como representação;
- refletir sobre o papel da linguagem no conhecimento.



SHEILA TERRY/SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

Pintada em 1668, a tela *O astrônomo*, do holandês Johannes Vermeer (1632-1675), descreve a revolução científica que estava acontecendo na Europa do século XVII. Ela mostra um astrônomo com um livro, chegando a um acurado globo celestial.

CAPÍTULO 1

Antiguidade e Idade Média: a busca da verdade

1 A verdade

A teoria do conhecimento é uma disciplina filosófica que investiga as condições do conhecimento verdadeiro.

Os filósofos da Antiguidade (figura 1) e da Idade Média interessaram-se por questões relativas ao conhecimento, embora ainda não se tratasse propriamente de uma teoria do conhecimento como disciplina independente, pois esses filósofos não colocavam em dúvida a capacidade humana de conhecer: eles explicavam como conhecemos. A crítica do conhecimento só começaria na Idade Moderna (século XVII), quando os filósofos se voltaram para questões sobre a origem e os limites do conhecimento.

Figura 1 • *A escola de Atenas*, afresco renascentista de Rafael pintado entre 1509 e 1510, representa o retorno à cultura clássica greco-latina. Entre diversos pensadores, destacam-se no centro Platão e Aristóteles.



PALÁCIO APOSTÓLICO, VATICANO, ROMA

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Algumas dúvidas específicas incomodaram pensadores de várias épocas: o que é o conhecimento verdadeiro? É possível alcançar alguma certeza? Que sinal nos permite reconhecer a verdade e distingui-la do erro? As respostas a essas questões dependem dos critérios de verdade assumidos e têm variado ao longo do tempo.

1.1 Critérios de verdade

Há uma tradição na história da filosofia que vem de Aristóteles (século IV a.C.) e foi aceita pelos escolásticos medievais. Para esses pensadores, o critério de verdade é a evidência: um enunciado verdadeiro é aquele que corresponde à realidade, tal qual ela se mostra a nós. Nessa perspectiva, a verdade é "a adequação do nosso pensamento às coisas". O **juízo** seria verdadeiro quando a representação fosse fiel ao objeto representado.

O critério da evidência pode parecer suficiente, mas nem todos os pensadores estão seguros de que o conhecimento humano é possível, de que podemos alcançar a verdade. Esse é o ponto de distinção entre as filosofias dogmáticas e as de tendências céticas.

- **Dogmatismo** é a doutrina segundo a qual a razão pode alcançar a certeza. O filósofo dogmático afirma a capacidade da razão de conhecer a realidade, tal como fizeram Aristóteles, o escolástico Tomás de Aquino e Descartes, ainda que este último tenha iniciado sua reflexão com a "dúvida metódica", como veremos.
- **Ceticismo** é uma doutrina que se mantém numa posição de cautela. O filósofo suspende seu juízo sobre as coisas e renuncia à certeza. Na Antiguidade temos o exemplo de Pirro de Élida (século IV-III a.C.); posteriormente há outros, como Montaigne e Hume, nos séculos XVI e XVIII, respectivamente. Na filosofia contemporânea, será criticado o conceito clássico de verdade como representação – a verdade como "espelho"; ao mesmo tempo, alguns pensadores dirão que, por meio de diálogo, é possível se aproximar de uma compreensão próxima da realidade.

Glossário

Juízo. No contexto, julgamento, no sentido de atribuir um predicado a um sujeito, afirmar algo de alguma coisa.

ISTO É ESSENCIAL!

É preciso tomar cuidado para não confundir o dogmatismo filosófico com o dogmatismo religioso. Na religião, os dogmas são verdades indiscutíveis, porque seu fundamento é a revelação divina. Também na linguagem comum, chamamos de dogmáticos os indivíduos que se agarram a verdades não questionadas, fixam-se nelas e deixam de buscar respostas.

2 A filosofia pré-socrática: Heráclito e Parmênides

Os pré-socráticos viveram nas colônias gregas entre os séculos VII e VI a.C. Os principais representantes do período foram Heráclito e Parmênides, que exerceram grande influência sobre as reflexões posteriores.

2.1 Heráclito: tudo flui

Heráclito (544-484 a.C.) nasceu em Éfeso, na Jônia (figura 2). Tal como seus contemporâneos, procurou compreender a multiplicidade do real. Porém, ao contrário deles, Heráclito não rejeitou as contradições e optou por apreender a realidade na sua mudança, no seu **devir**. Todas as coisas mudam sem cessar, e

Glossário

Devir. Do latim *devenire*, "chegar", "vir de", "dirigir-se a".


PALÁCIO APOSTÓLICO, VATICANO, ROMA

Figura 2 • No afresco de Rafael *A escola de Atenas*, Heráclito é representado como um homem que, solitário, escreve.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

o que temos diante de nós em dado momento é diferente do que foi há pouco e do que será depois: "Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio", pois na segunda vez não somos os mesmos, e também as águas serão outras.

Para Heráclito, o ser é múltiplo, não só porque há uma multiplicidade de coisas, mas porque as próprias coisas possuem oposições internas. O que mantém o fluxo do movimento não é o simples aparecer de novos seres, mas a luta dos contrários, pois "a guerra é pai de todos, rei de todos". É da luta que nasce a harmonia, como síntese dos contrários. O dinamismo de todas as coisas pode ser representado pela metáfora do fogo, expressão visível da instabilidade, símbolo da eterna agitação do devir: "O fogo eterno e vivo, que ora se acende e ora se apaga".

Heráclito e Hegel

Costuma-se dizer que Heráclito teve a intuição da lógica dialética, que no século XIX foi elaborada por Hegel e, depois, reformulada por Marx na teoria do materialismo dialético.



PALÁCIO APOSTÓLICO, VATICANO, ROMA

Figura 3 • Em *A escola de Atenas*, de Rafael, Parmênides de Eleia está ao lado de Hipátia, de Alexandria, uma matemática que viveu no século IV de nossa era.

2.2 Parmênides: o ser é imóvel

Parmênides (*c.* 540-*c.* 470 a.C.) viveu em Eleia, cidade do sul da Magna Grécia (figura 3). Sua teoria filosófica influenciou de modo decisivo o pensamento ocidental. Criticou a filosofia heraclitiana: ao "tudo flui" de Heráclito, ele contrapôs a imobilidade do ser. Para Parmênides, é absurdo e impensável afirmar que uma coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo. Em vez de enfatizar a contradição, ele criou o princípio de que "o ser é" e o "não ser não é".

A partir desse princípio, Parmênides conclui que o ser é único, imutável, infinito e imóvel. Não há como negar a existência de movimento, pois as coisas nascem e morrem, mudam de lugar e são múltiplas. Porém, esse movimento existe apenas no **mundo sensível**, e a percepção pelos sentidos é ilusória, porque está baseada na opinião (*dóxa*, em grego). Por isso, essa percepção não é confiável. Só o **mundo inteligível** é verdadeiro, pois está submetido aos princípios que, mais tarde, Aristóteles chamou de princípio de identidade e princípio de não contradição.

Veremos adiante como Platão e Aristóteles tentam superar os pensamentos de Heráclito e Parmênides.

Glossário

Sofista. Do grego *sophós*, "sábio", ou melhor, "professor de sabedoria". Com o tempo o termo adquiriu sentido pejorativo: aquele que emprega sofismas, ou seja, alguém que usa de raciocínio capcioso, de má-fé, com intenção de enganar as pessoas. Apenas no século XIX foi reconhecida a importância desses filósofos.

3 Os sofistas: a arte de argumentar

No período socrático ou clássico (séculos V e IV a.C.), o centro cultural do mundo grego deslocou-se das colônias para a cidade de Atenas. Desse período fazem parte Sócrates e seu discípulo Platão, que posteriormente teve Aristóteles como aluno. O século V a.C. é também conhecido como o século de Péricles, governante na época áurea da cultura grega, quando a democrática Atenas desenvolveu intensa vida política e artística.

Os **sofistas** também são dessa época. Entre os sofistas mais famosos destacam-se Protágoras, de Abdera (485-411 a.C.); Górgias, de Leôncio (485-380 a.C.); Hípias, de Élis; e ainda Trasímaco, Pródico e Hipódamos. Alguns deles foram interlocutores de Sócrates, embora duramente criticados por este e seus seguidores, que os acusavam de desprezar a verdade, ao valorizar a arte de persuadir e reduzir seus discursos a opiniões relativistas.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

Para criticar os sofistas, Platão usava o conceito de *phármakon*, que significa ao mesmo tempo "remédio" e "veneno". A linguagem é veneno quando os sofistas a usam com eloquência para seduzir, iludir, enganar, adular a assembleia, deixando a verdade em segundo plano. Quando, então, poderíamos dizer que a linguagem é um remédio?

Apesar dessas críticas, os sofistas foram responsáveis por iniciar os jovens na **retórica** – a arte da argumentação –, instrumento indispensável para que os cidadãos participassem da assembleia democrática (figura 4). Sabe-se que os melhores sofistas aperfeiçoaram os instrumentos da razão: a coerência e o rigor do discurso. Não bastava dizer o que se considerava verdadeiro: era preciso demonstrá-lo pelo raciocínio. Pode-se dizer que aí se encontra o embrião da lógica, mais tarde desenvolvida por Aristóteles.

4



COLEÇÃO PARTICULAR

Figura 4 • Mosaico na Biblioteca de Filosofia James Harmon Hoose. O sofista Protágoras dizia que "o homem é a medida de todas as coisas", a fim de valorizar a razão humana, capaz de confrontar diversas concepções de verdade para chegar ao conhecimento.

Figura 5 • A charge de Quino ironiza aqueles que não entenderam o significado da famosa frase de Sócrates.

4 Sócrates e o conceito

Sócrates (*c.* 470-399 a.C.) não deixou escritos: suas ideias foram divulgadas por Xenofonte e Platão, dois de seus discípulos. Nos diálogos de Platão, Sócrates sempre aparece como o principal interlocutor.

Sócrates costumava conversar com todos, fossem velhos ou moços, nobres ou escravos. Seu pressuposto, "só sei que nada sei", consiste em reconhecer a própria ignorância e, a partir daí, iniciar a busca pelo saber (figura 5). Os métodos de indagação de Sócrates provocaram os poderosos do seu tempo. O filósofo foi levado aos tribunais, sob a acusação de não crer nos deuses da cidade e de corromper os jovens. Ao final do julgamento, ele foi condenado à morte.

Para entender o método socrático, tomemos o exemplo da justiça: após pedir aos interlocutores que enumerem as diversas manifestações da justiça, o filósofo quer saber o que é a "justiça em si", o universal que a representa. A definição de justiça é que mostra, então, sua essência – aquilo que faz a justiça ser justiça. Assim, a busca da verdade está centrada no esclarecimento do conceito, ou seja, na descoberta da ideia essencial.

5



QUINO

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Platão: o mundo das ideias

Para melhor sintetizar a teoria do conhecimento de Platão, recorremos ao livro VII de *A República*, em que é relatada a famosa "alegoria da caverna": pessoas estão acorrentadas desde a infância em uma caverna, de tal modo que enxergam apenas a parede ao fundo, na qual são projetadas sombras, que elas pensam ser a realidade. Trata-se, porém, da sombra de marionetes, empunhadas por pessoas atrás de um muro, que também esconde uma fogueira. Se um dos indivíduos conseguisse se soltar das correntes para contemplar à luz do dia os verdadeiros objetos, ao regressar à caverna seus antigos companheiros o tomariam por louco e não acreditariam em suas palavras.

5.1 A alegoria da caverna

A alegoria da caverna representa a educação de um filósofo, que precisa sair do mundo das sombras (das aparências) para alcançar o conhecimento verdadeiro. Após essa experiência, ele deve voltar à caverna para orientar os demais e assumir o governo da cidade. Por isso, essa alegoria é tanto uma reflexão política, porque fala do retorno do filósofo-político que conhece a arte de governar, quanto **epistemológica**, porque o filósofo volta para despertar nos outros o conhecimento verdadeiro.

O rei-filósofo

A valorização da filosofia como conhecimento superior leva Platão a idealizar o *rei-filósofo*: para o Estado ser bem governado, é preciso que "os filósofos se tornem reis, ou que os reis se tornem filósofos".

Platão distingue dois tipos de conhecimento: o sensível e o inteligível, que se subdividem em outros graus. No relato da alegoria da caverna, identificamos quatro formas da realidade:

- as sombras: a aparência sensível das coisas;
- as marionetes: a representação de animais, plantas etc., ou seja, das próprias coisas sensíveis;
- o exterior da caverna: a realidade das ideias;
- o Sol: a suprema ideia do Bem.

O muro representa a separação de dois tipos de conhecimento: o sensível (que corresponde às duas primeiras formas de realidade) e o inteligível (às duas últimas).

5.2 A dialética platônica

A alegoria da caverna serve de base para Platão expor a **dialética** dos graus do conhecimento. Sair das sombras para a visão sob o Sol representa a passagem dos graus inferiores do conhecimento aos superiores: do mundo sensível, dos fenômenos e das aparências, ao mundo inteligível, à realidade das ideias.

O mundo sensível, percebido pelos sentidos, é o local da multiplicidade, do movimento; é ilusório, pura sombra do mundo verdadeiro. Por exemplo: mesmo que existam inúmeras abelhas, dos mais variados tipos, a ideia de abelha deve ser una, imutável, a verdadeira realidade. Já o mundo inteligível é alcançado por meio da dialética, que faz a alma elevar-se das coisas múltiplas e mutáveis às ideias unas e imutáveis. Acima de todas essas ideias está a ideia do Bem, a mais perfeita e geral de todas. Na alegoria da caverna, o Bem é representado pelo Sol.

Glossário

Epistemologia. Do grego *episteme*, "ciência", área da filosofia que investiga o conhecimento, e, atualmente, em especial o conhecimento científico.

Dialética. No senso comum, significa discussão ou diálogo. Em filosofia, varia conforme o pensador. No pensamento de Platão, a dialética é um processo de busca da verdade por meio do diálogo, o método pelo qual se ultrapassa o conhecimento sensível e se chega ao conhecimento verdadeiro.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5.3 A teoria da participação

Os seres em geral existem somente quando participam do Bem Supremo, que é também a Suprema Beleza: o Deus de Platão. Acima do ilusório mundo sensível, há as ideias gerais, as essências imutáveis, que atingimos pela contemplação e pela depuração dos enganos sensoriais. É desse modo que podemos, então, nos aproximar desse Bem Supremo. E, como as ideias são a única verdade, o mundo dos fenômenos só existe porque participa desse mundo das ideias.

Se lembrarmos o que foi dito a respeito dos pré-socráticos, constatamos que Platão procura conciliar a oposição entre o pensamento de Heráclito, que afirma a mutabilidade essencial do ser, e o de Parmênides, para quem o ser é imóvel. Assim, o mundo das ideias é o ser parmenídeo, e o mundo dos fenômenos, o devir heraclitiano.

6



ARALDO DE LUCA/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 6 • Mosaico romano representando a Academia de Platão. Para o filósofo, o homem se esqueceu do mundo das ideias ao se tornar prisioneiro do corpo.

5.4 Teoria da reminiscência

Como é possível ultrapassar o mundo das aparências ilusórias? Platão supõe que o espírito puro já contemplou o mundo das ideias, mas se esqueceu desse mundo ao se tornar prisioneiro do corpo, considerado o "túmulo da alma". Pela teoria da **reminiscência**, Platão explica que os sentidos são apenas uma ocasião para despertar na alma as lembranças adormecidas. Em outras palavras, conhecer é lembrar o que a alma já contemplou em sua existência pré-corpórea (figura 6).

Para ilustrar essa teoria, Platão relata um diálogo entre Sócrates e um escravo do aristocrata Mênon. O filósofo pede ao escravo que examine algumas figuras geométricas. Por meio de perguntas, Sócrates o estimula a "lembrar-se" de ideias que não lhe tinham sido ensinadas.

Glossário

Reminiscência. No sentido genérico, significa lembrança ou recordação.

6 Aristóteles: a metafísica

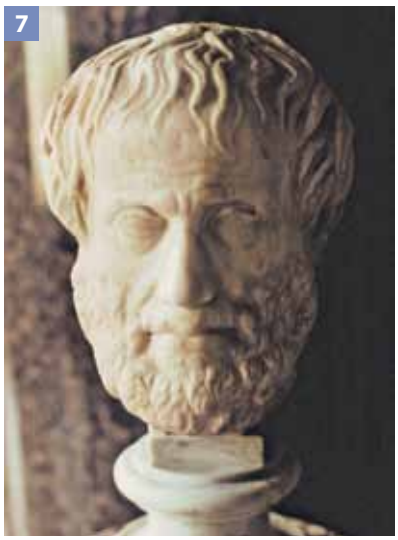
A teoria aristotélica do conhecimento é exposta nas obras *Metafísica* e *Sobre a alma*. Ele critica a teoria da reminiscência e o mundo das ideias, de Platão, porque considera que os sentidos são a primeira fonte do conhecimento. A origem das ideias é explicada pela abstração: o intelecto, partindo das imagens das coisas particulares, elabora os conceitos universais.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Metafísica

Aristóteles (figura 7) usava a expressão *filosofia primeira* para designar o que chamamos de *metafísica*. Esse termo surgiu no século I a.C., quando Andronico de Rodes, ao classificar as obras de Aristóteles, colocou os livros de *filosofia primeira* após as obras de física: *meta física*, ou seja, "depois da física". Esse "depois", puramente espacial, passou a significar "além", por tratar de temas que transcendem a física, que estão além das questões relativas ao conhecimento do mundo sensível.

7



AKG/LATINSTOCK

Figura 7 • Por muito tempo, Aristóteles foi considerado apenas um discípulo de Platão. Sua importância só foi reconhecida após uma parte significativa de sua obra ter sido encontrada.

A verdade, para Aristóteles, consiste na adequação do conceito à coisa real. Para entender melhor essa relação, ele desenvolveu os princípios da lógica e fez uma reflexão sobre o ser em geral, objeto da metafísica. A filosofia primeira não é primeira na ordem do conhecer – já que partimos do conhecimento sensível –, mas a que busca as causas mais universais, as mais distantes dos sentidos. É a parte da filosofia que estuda "o ser enquanto ser", isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares.

Por isso, é a metafísica que fornece a todas as outras ciências o fundamento comum, o objeto que elas investigam e os princípios dos quais dependem. Todas as ciências se debruçam sobre o ser e sobre conceitos ligados diretamente a ele, como identidade, oposição, diferença, gênero, espécie, todo, parte, perfeição, unidade, necessidade, possibilidade, realidade. No entanto, cabe à metafísica examinar esses conceitos, ao refletir sobre o ser e suas propriedades.

6.1 O conhecimento pelas causas

Aristóteles define a ciência como conhecimento verdadeiro, conhecimento pelas causas. Por meio da ciência, é possível superar os enganos da opinião e compreender a natureza da mudança, do movimento. Para tanto, Aristóteles recusa a teoria das ideias de Platão, com sua oposição radical entre mundo sensível e mundo inteligível.

A teoria aristotélica sustenta-se em três distinções fundamentais realizadas pelo filósofo: entre essência e acidente (que compõem a substância); entre matéria e forma; entre potência e ato. Esses conceitos, por sua vez, servem para compreender a teoria das quatro causas.

6.2 Substância: essência e acidente

Costuma-se dizer que Aristóteles trouxe "as ideias do céu à terra". Afinal, para rejeitar a teoria das ideias de Platão, ele reuniu o mundo sensível e o mundo inteligível no conceito de **substância**. Para ele, cada ser que existe é uma substância, e a substância é "aquilo que é em si mesmo", suporte de atributos que podem ser essenciais ou acidentais:

- **essência** é o atributo que, se faltasse, faria a substância deixar de ser o que é;
- **acidente** é o atributo que a substância pode ter ou não, sem deixar de ser o que é.

Por exemplo: a substância de uma pessoa tem como características essenciais os atributos da humanidade (Aristóteles diria que a racionalidade é a essência do humano). Os acidentais são ser gordo, ser velho, ser belo, atributos que não mudam o ser humano em sua essência.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6.3 Matéria e forma

Além dos conceitos de essência e acidente, Aristóteles recorre às noções de matéria e forma. Todo ser é constituído de matéria e forma, que são princípios indissociáveis. **Matéria** é o princípio indeterminado de que o mundo físico é composto, é "aquilo de que é feito algo". Trata-se da *matéria indeterminada*. Quando nos referimos à matéria concreta, trata-se de matéria segunda.

Forma é "aquilo que faz com que uma coisa seja o que é". Nesse sentido, a forma é geral (o que faz com que todo animal e vegetal sejam o que são). A forma é o princípio inteligível, a essência comum aos indivíduos da mesma espécie pela qual todos são o que são, enquanto a matéria é pura passividade e contém a forma em potência.

6.4 Potência e ato

Ao explicitar os conceitos de matéria e forma, é necessário recorrer aos de potência e ato, que explicam como dois seres diferentes podem entrar em relação, atuando um sobre o outro. Então:

- **potência** é a capacidade de tornar-se alguma coisa, é aquilo que uma coisa poderá vir a ser. Para se atualizar, todo ser precisa sofrer a ação de outro já em ato. A semente que contém o carvalho em potência foi gerada por um carvalho em ato;
- **ato** é a essência (a forma) da coisa tal como é aqui e agora.

Não se trata de uma atualização de uma vez por todas, porque cada ser continua em movimento, recebendo novas formas: os seres vivos nascem e morrem, o feto se transforma em criança e, na sequência, em adolescente, jovem, idoso, e assim por diante.

Essas noções servem para explicar o movimento (o devir) como a forma que atualiza a matéria, como a passagem da potência ao ato, do possível ao real (figura 8).

8



MICHAEL P. GADOMSKI/PHOTO RESEARCHERS, INC./LATINSTOCK

Figura 8 • A semente, quando enterrada, desenvolve-se e transforma-se na árvore da qual é semente: todo ser tende a tornar atual a forma que tem em si como potência.

6.5 A teoria das quatro causas

As considerações anteriores tornam mais claro o princípio de causalidade, de acordo com Aristóteles: "Tudo o que se move é necessariamente movido por outro". O devir consiste na tendência que todo ser tem de realizar a forma que lhe é própria.

Em todo movimento, há quatro tipos distintos de sentidos para causa: material, formal, eficiente e final. Por exemplo, numa estátua:

- a causa material é aquilo de que a coisa é feita (o mármore);
- a causa eficiente é aquela que dá impulso ao movimento (o escultor que a modela);
- a causa formal é aquilo que a coisa tende a ser (a forma que a estátua adquire);
- a causa final é aquilo para o qual a coisa é feita (a finalidade de fazer a estátua: a beleza, a glória, a devoção religiosa;

Essas causas explicam o movimento, que para Aristóteles é eterno.

6.6 Deus: primeiro motor imóvel

A estrutura teórica da filosofia aristotélica desemboca no divino, na existência de um ser superior e necessário: Deus. Porque, se as coisas são contingentes, ou seja, não têm em si mesmas a razão de sua existência, é preciso concluir que são produzidas por causas exteriores a elas. Ou seja, todo ser contingente foi produzido

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

por outro ser, que também é contingente, e assim por diante. Para não ir ao infinito nessa sequência de causas, é preciso admitir uma causa primeira, por sua vez incausada, um ser necessário (e não contingente).

ISTO É ESSENCIAL!

Para os gregos antigos, a matéria é eterna, portanto Deus não é criador. Segundo Aristóteles, Deus não conhece nem ama os seres individualmente. Ele é puro pensamento, que pensa a si mesmo, é "pensamento de pensamento". Por isso, a teologia aristotélica não tem conotação religiosa.

Deus, o primeiro motor imóvel (por não ser movido por nenhum outro), é também puro ato (sem nenhuma potência). Segundo Aristóteles, Deus é Ato Puro, Ser Necessário, Causa Primeira de todo existente. No entanto, como Deus pode mover, sendo imóvel? A explicação dada por Aristóteles é a de que Deus não é o primeiro motor como causa eficiente, mas como causa final: Deus move por atração, ele atrai tudo, como "perfeição" que é.

6.7 Críticas de Aristóteles aos antecessores

Contra Heráclito, para quem tudo estava em constante movimento, Aristóteles demonstra que em toda transformação há algo que muda e algo que permanece. E, pelo princípio da contradição, demostra que um ser não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Do mesmo modo, critica Parmênides por ter afirmado que o ser é imóvel, reduzindo o movimento ao mundo sensível. Igualmente, rejeitou a teoria das ideias de Platão.

Para Aristóteles, o conhecimento se faz com conceitos universais, mas esses conceitos são aplicados a cada coisa individual. Com isso, não é preciso justificar a imobilidade do ser (como Parmênides) nem criar o mundo das essências imutáveis, como quis Platão.

7 A filosofia medieval: razão e fé

A Idade Média compreende mil anos de história (do século V ao XV). Após a queda do Império Romano, formaram-se os novos reinos bárbaros. Lentamente foi introduzida a ordem feudal, de natureza aristocrática. No topo da pirâmide social encontravam-se os nobres e o clero. A Igreja católica consolidou-se como força espiritual e política, e tornou-se elemento cultural agregador numa Europa bastante fragmentada. Os monges eram praticamente os únicos letrados nessa época (figura 9); esse é um dos motivos pelos quais os princípios morais, políticos e jurídicos tinham quase sempre viés religioso.

Como não poderia deixar de ser, a grande questão discutida pelos intelectuais da Idade Média foi a relação entre razão e fé, entre filosofia e teologia. Entre os filósofos e teólogos mais importantes, destacam-se: Agostinho (354-430), que era bispo de Hipona, cidade do norte da África; e Tomás de Aquino (1225-1274), monge dominicano. Ambos foram, posteriormente, canonizados pela Igreja católica.

Agostinho retomou a oposição platônica entre mundo sensível e mundo das ideias, mas substituiu este último pelas ideias divinas. Segundo sua teoria da iluminação, recebemos de Deus o conhecimento das verdades eternas: tal como o Sol, Deus ilumina a razão e torna possível ao ser humano pensar corretamente.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Já Tomás de Aquino utilizou as obras de Aristóteles e escreveu, entre outras obras, a *Suma teológica*, a mais fecunda síntese da "filosofia cristã". Ele foi responsável por difundir a chamada filosofia aristotélico-tomista, que concilia a doutrina da Igreja ao pensamento do filósofo grego.

7.1 A questão dos universais

Uma das mais importantes discussões na Idade Média foi a chamada questão dos universais.

O que são os universais? O universal é o conceito, a ideia, a essência comum a todas as coisas. Por exemplo, o conceito universal de ser humano, animal, casa, bola, cadeira, círculo.

Desde o século XI até o XIV, uma polêmica marcou as discussões sobre a questão dos universais. Em outras palavras: os gêneros e as espécies têm existência separada dos objetos sensíveis? As espécies (como o cão) e os gêneros (como os animais) teriam existência real? Seriam realidades, ideias, ou apenas palavras?

As principais soluções apresentadas pelos pensadores medievais se enquadram em três vias: realismo, realismo moderado e nominalismo.


9

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE

Figura 9 • Os monges copistas ornavam os manuscritos, como este livro de horas do século XV, com iluminuras (figuras e arabescos) e uma capitular – a primeira letra da página, maior que as outras e ricamente trabalhada.

- **realismo:** para Santo Anselmo (século XI) e Guilherme de Champeaux (século XII), o universal tem realidade objetiva (são *res*, ou seja, "coisa"). Essa posição é claramente influenciada pela teoria das ideias de Platão, para quem o mundo verdadeiro é o mundo das ideias, existentes em si mesmas e não dependentes da mente humana;
- **realismo moderado:** representado no século XIII por Tomás de Aquino. Como aristotélico, ele afirma que os universais só existem formalmente no espírito, embora tenham fundamento nas coisas;
- **nominalismo:** para os nominalistas, como Roscelino (século XI), os universais são apenas palavras, sem nenhuma realidade específica correspondente. A tendência nominalista reapareceu no século XIV com o inglês Guilherme de Ockham, franciscano que representa a reação à filosofia aristotélico-tomista.

As divergências sobre os universais refletem, de certo modo, as contradições na compreensão mística do mundo medieval. Sob esse aspecto, os realistas eram os partidários da tradição e valorizavam o universal, a autoridade, a verdade eterna representada pela fé. Para os nominalistas, o individual é mais real, o que indica o deslocamento do critério de verdade, da fé e da autoridade para a razão humana. Naquele momento histórico (final da Idade Média), o nominalismo representou o racionalismo burguês em oposição às forças feudais que desejava superar.

Universais: um debate contemporâneo

A questão dos universais não é um problema restrito à Idade Média. Os filósofos empiristas (Locke, Hobbes, Hume e Condillac) são nominalistas, pois concluem que as ideias não existem em si e que só as conhecemos por meio da experiência. Nas filosofias contemporâneas, tal como a filosofia da linguagem, põe-se em discussão a relação entre linguagem e realidade.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 No mito da caverna, de Platão, qual é o significado das pessoas amarradas pelas pernas e pelo pescoço? A que tipo de conhecimento corresponde esse estágio?

As pessoas amarradas dentro da caverna simbolizam a fase do conhecimento em que a razão está presa ao mundo sensível, o mundo das aparências, que é ilusório. Somente ao se libertar das aparências é que o homem pode chegar ao mundo das ideias, que é onde reside a verdade.

2 Em que sentido a metafísica aristotélica critica a teoria das ideias de Platão?

Platão diferencia o mundo percebido pelos sentidos (mundo sensível) e a realidade das essências imutáveis (mundo das ideias). Em contraposição, Aristóteles defende que a essência está nas próprias coisas. (O aluno deverá explicar essa concepção a partir dos conceitos de substância, matéria e forma.)

3 Quais são as principais características da filosofia medieval?

Na Idade Média, a principal questão filosófica era a oposição entre razão e fé. Agostinho e Tomás de Aquino retomaram, respectivamente, as teorias de Platão e Aristóteles, mas as adaptaram à crença cristã. Um tema importante de discussão nesse período foi a questão dos universais.

4 Por que, para os filósofos cristãos da Idade Média, a filosofia não é a busca da verdade?

Porque a verdade já teria sido alcançada pela revelação divina e confirmada pela fé. Então, bastaria à razão buscar as justificativas racionais que auxiliassem na divulgação da verdade de Deus.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Leia os trechos a seguir, extraídos da obra de Parmênides, e compare-os ao pensamento de Heráclito.

> Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar.
>
> PARMÊNIDES. Em: BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os filósofos pré-socráticos*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 55.

> (...) Por outro lado, [o ser,] imóvel nos limites de seus poderosos liames, é sem começo e sem fim; pois geração e destruição foram afastadas para longe, repudiadas pela verdadeira convicção. Permanecendo idêntico e em um mesmo estado, descansa em si próprio, sempre imutavelmente fixo e no mesmo lugar.
>
> PARMÊNIDES. Em: BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os filósofos pré-socráticos*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 56.

Para Parmênides, é contraditório pensar que o ser é e não é ao mesmo tempo. Portanto, o ser é imutável e único. Opõe-se à teoria de Heráclito, para quem a realidade é múltipla e encontra-se sempre em transformação, em devir.

2 No diálogo "Górgias", de Platão, o sofista diz a Sócrates que o objetivo da retórica é:

> (...) Persuadir por meio de discursos os juízes nos tribunais, os senadores no conselho, o povo na assembleia do povo e em toda outra reunião que seja uma reunião de cidadãos (...) em falar contra todo adversário e sobre qualquer assunto.
>
> PLATÃO. Gorgias. Em: *Oeuvres complètes*. Tomo II, 2ª parte. Paris: Les Belles Lettres, 1949. p. 116.

a) Qual é a crítica que Platão faz ao sofista Górgias?

Platão, pela boca de Sócrates, critica os sofistas por não terem compromisso com a verdade e por objetivarem somente a persuasão – nem que para isso fosse necessário usar um discurso vazio, inconsistente, incapaz de atingir a verdade universal.

b) Apesar da crítica de Platão, quais foram as principais contribuições dos sofistas?

Os sofistas desenvolveram a arte da argumentação, o que mais tarde resultaria na lógica. Do ponto de vista político, eles deram aos cidadãos da época instrumentos para opinar na assembleia democrática.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 Leia a citação de Platão e responda às questões.

> Quando se trata de adquirir verdadeiramente a sabedoria, é ou não o corpo um entrave se na investigação lhe pedimos auxílio? (...) Quando é pois que a alma atinge a verdade? (...) Sem dúvida alguma, ela raciocina melhor precisamente quando nenhum empecilho lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer – mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe for possível qualquer união, qualquer contato com ele, anseia pelo real?
>
> PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 72. (Coleção Os Pensadores.)

a) Como Platão ilustra essa afirmação na alegoria da caverna?

O corpo é representado pelos indivíduos presos na caverna. A alma é a consciência liberta e capaz de ver a verdade com a ajuda da luz do sol, que simboliza o Bem Supremo.

b) Como Platão explica a hierarquia entre corpo e alma?

O mundo sensível, percebido pelo corpo por meio dos sentidos, é o da mudança, do eterno devir, da ilusão. A verdade é alcançada somente com o movimento em direção às ideias unas e imutáveis, por meio da razão. E isso acontece quando a alma se liberta, tanto quanto possível, da influência do corpo.

4 Considerando a substância cadeira, a partir da teoria aristotélica, cite um atributo essencial e um atributo acidental.

Essência da cadeira: objeto que serve para sentar. Acidente: ser de madeira ou de plástico, grande ou pequena, vermelha ou branca etc.

5 O problema da relação entre as ideias e as coisas levou os filósofos a se perguntarem: "Onde estão as ideias das coisas?". Explique quais foram as soluções apresentadas pelos filósofos medievais que se empenharam na questão dos universais.

Para os realistas, os universais são verdadeiros, porque são ideias (logo, são imutáveis), enquanto as coisas são manifestações mutáveis, ilusórias desses universais. Os realistas moderados, por sua vez, afirmam que os universais existem no espírito, mas estão fundamentados nas coisas que descrevem. Já para os nominalistas, os universais são apenas palavras, sem correspondência com a realidade.

Dissertação

Faça no seu caderno um texto contrapondo as ideias de Parmênides e as de Heráclito.

Professor: Desenvolva a oposição entre as ideias de Heráclito para quem tudo flui e o ser é múltiplo, e as de Parmênides, para quem o ser é uno e imóvel.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO 2

De Descartes a Hume: a metafísica da modernidade

1 As mudanças da modernidade

Chamamos de **modernidade** o período que se esboça no Renascimento, desenvolve-se na Idade Moderna e atinge seu auge na Ilustração, no século XVIII. Ganha força um **paradigma** de racionalidade: a razão, liberta de crenças e superstições, funda-se na própria subjetividade e não mais na autoridade do poder absoluto ou da religião.

Esse novo período da história ocidental trazia mudanças sociais, políticas, morais, artísticas, científicas, religiosas e filosóficas. A contraposição ao pensamento medieval estimulou a recuperação da cultura greco-latina, agora não mais intermediada pela religião. O pensamento, então, se laicizava: se antes o foco da reflexão era teológico, na modernidade prevalece a visão antropocêntrica. Com a Reforma protestante, o clero deixou de deter o monopólio sobre a interpretação dos textos sagrados. Concomitantemente, a ascensão da burguesia comercial e a formação das monarquias nacionais enfraqueceu o poder dos senhores feudais.

As grandes navegações (figura 1), a descoberta do Novo Mundo e os avanços da física e da astronomia trouxeram novos horizontes ao pensamento humano. O século XVII foi o auge de todo esse processo, que modificou a imagem do ser humano e do mundo que o cerca.

Na modernidade, ganha força a confiança no poder da razão. E uma das expressões mais claras desse racionalismo é o interesse pelo **método**. Embora o método sempre tenha sido objeto de discussão na filosofia, ele nunca foi debatido com a prioridade que lhe dedicaram os filósofos do século XVII. Sob esse aspecto, merecem destaque na filosofia Descartes, Bacon e Locke e, no âmbito da ciência, Galileu, Kepler e Newton.

Glossário

Paradigma. Conjunto de teorias, técnicas e valores de uma determinada época que, de tempos em tempos, entra em crise.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE

Figura 1 • A partir do século XV, as navegações promoveram grandes mudanças no pensamento europeu. Na imagem, *A chegada de Hernán Cortez ao México*, óleo sobre painel, Escola Espanhola, século XVI.

2 A questão do método

A revolução científica rompeu com o modelo aristotélico de compreensão do mundo. Foi preciso não só repensar a metafísica, mas sobretudo aprofundar o problema do conhecimento.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

No pensamento antigo e medieval, a realidade do objeto e a capacidade humana de conhecer não eram questionadas. Já na Idade Moderna, entra em foco a consciência da consciência. Antes se perguntava: "Existe alguma coisa?", "Isso que existe, o que é?". Na modernidade o problema não é saber se as coisas são, mas se nós realmente podemos conhecê-las. As perguntas são outras: "O que é possível conhecer?", "Qual é o critério de certeza para saber se há adequação entre o pensamento e o objeto?". Portanto, na Idade Moderna a atenção voltou-se do objeto do conhecimento para o sujeito que conhece.

As soluções apresentadas deram origem a duas correntes filosóficas: o racionalismo e o empirismo. O **racionalismo** engloba as doutrinas que enfatizam o papel da razão no processo do conhecimento. Na Idade Moderna, os principais racionalistas foram René Descartes, Espinosa e Leibniz. Já o **empirismo** é a tendência que destaca o papel da experiência sensível no processo de conhecer a realidade. Destacam-se, nessa corrente, os filósofos Francis Bacon, John Locke e David Hume.

Glossário

Empirismo. Do grego *empeiría*, que quer dizer "experiência". Empirismo é o conhecimento com base na experiência, na observação do mundo.

3 O racionalismo cartesiano: a dúvida metódica

René Descartes (1596-1650) (figura 2) era conhecido também pelo nome latino Cartesius – por isso, seu pensamento é chamado de "cartesiano". Desde muito jovem, interessou-se por geometria e álgebra. Além das obras filosóficas, dentre as quais as mais conhecidas são *Discurso do método* e *Meditações metafísicas*, desenvolveu estudos de geometria analítica e criou as chamadas coordenadas cartesianas.

Descartes buscava um método tão seguro que o conduzisse a uma verdade inquestionável. Ele fez essa tentativa com base no ideal matemático, isto é, em uma ciência que seja uma *mathesis universalis* (matemática universal). Isso não significa aplicar a matemática ao conhecimento do mundo, mas usar o tipo de conhecimento que é peculiar dos matemáticos. Esse conhecimento é inteiramente dominado pela inteligência e está fundamentado na ordem e na medida. Tal método permite estabelecer cadeias de razões, para deduzir uma coisa de outra.

2



ERICH LESSING/ALBUM ART/LATINSTOCK

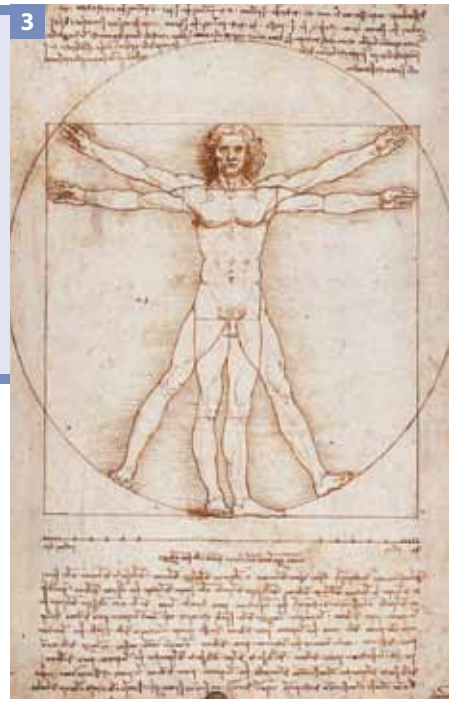
Figura 2 • *Rainha Cristina da Suécia e sua corte*, tela de Pierre Louis Dumesnil, século XVIII. Descartes está à esquerda da rainha, de quem foi preceptor.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

A imagem ao lado, de autoria de Leonardo da Vinci, chama-se *Homem vitruviano* (figura 3) porque, anteriormente, Vitrúvio (arquiteto romano do século I a.C.) havia tentado, sem sucesso, inscrever as proporções do corpo humano nas mesmas figuras, o quadrado e o círculo, ou seja, dentro de padrões matemáticos. Leonardo da Vinci fez o encaixe perfeito: de pernas juntas e braços em cruz, pés e dedos tomam os limites do quadrado; de pernas afastadas e braços erguidos, tocam as linhas do círculo. Que relação você percebe entre o rigor do desenho de Leonardo da Vinci e o rigor da filosofia de Descartes?

3



GALLERIE DELL'ACCADEMIA, VENEZA, ITÁLIA

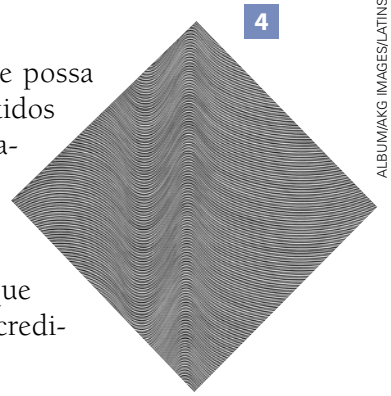
Para formular esse método, Descartes estabeleceu quatro regras:

- **regra da evidência:** acolher apenas o que aparece ao espírito como ideia clara e distinta;
- **regra da análise:** dividir as dificuldades em parcelas menores, para resolvê-las por partes;
- **regra da ordem:** conduzir os pensamentos pela ordem, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para só depois lançar-se aos mais complexos;
- **regra da enumeração:** fazer revisões gerais para ter certeza de que nada foi omitido.

3.1 Penso, logo existo

Descartes parte em busca de uma verdade primeira, da qual não se possa duvidar. Ele começa, então, duvidando de tudo: do testemunho dos sentidos (figura 4), das afirmações do senso comum, dos argumentos de autoridade, das informações da consciência, das verdades deduzidas pelo raciocínio, de realidade do mundo exterior e da realidade de seu próprio corpo. Trata-se da **dúvida metódica**, que o impele a indagar se não resta algo que seja inteiramente inquestionável. Por isso, não se pode dizer que Descartes é um filósofo cético: embora comece duvidando de tudo, ele acredita que existe uma verdade absoluta e tenta encontrá-la a todo custo.

4



ALBUM/AKG IMAGES/LATINSTOCK

> (...) enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade eu penso, logo existo [*cogito, ergo sum*] era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava.
>
> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 54.

Esse "eu" é puro pensamento, uma *res cogitans* (coisa pensante). Portanto, é como se dissesse: "existo enquanto penso". Com essa primeira intuição, Descartes julga estar diante de uma ideia clara e distinta, a partir da qual seria reconstruído todo o saber.

Embora o conceito de ideias claras e distintas resolva alguns problemas com relação à verdade de parte do nosso conhecimento, não dá garantia alguma de que

Figura 3 • Em *Homem vitruviano* (1490), Leonardo da Vinci ressalta as proporções matemáticas e a simetria do corpo humano, com base em um quadrado e um círculo.

Figura 4 • Para Descartes, não podemos confiar nos sentidos, pois eles podem nos enganar. Na imagem, a obra *Crest* (1964), da artista Bridget Riley, 166 x 166 cm, The British Council.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



Figura 5 • De autoria do chargista francês Sempé, a paródia com o *cogito* cartesiano é engraçada, mas não corresponde ao espírito da afirmação do filósofo.

o objeto pensado corresponda a uma realidade fora do pensamento. Como sair do próprio pensamento e recuperar o mundo do qual tinha duvidado? Considerando as regras do método, Descartes deveria passar gradativamente de noções já encontradas para outras igualmente indubitáveis.

O *cogito* (figura 5) é uma ideia que não deriva dos sentidos, nem é criada pela imaginação. Ao contrário: ela já se encontra no espírito, como fundamentação para a apreensão de outras verdades. Portanto, é uma **ideia inata**, não sujeita a erro, porque vem da razão.

Para ir além dessa primeira intuição, a do *cogito*, Descartes examinou se haveria no espírito outras ideias igualmente claras e distintas. E então chegou à ideia de Deus.

3.2 A ideia de Deus

Ao examinar a ideia de Deus, Descartes afirmou tratar-se de uma substância infinita, eterna e imutável, que teria criado todas as coisas. Essa ideia de fato existe na mente, mas o que garante que represente algo real? Afinal, Deus existe de fato? Para Descartes, a ideia de um deus infinito leva à conclusão de que a infinitude repousa na ideia de um ser perfeito. Como somos imperfeitos e finitos, não podemos ter a ideia de perfeição e infinitude, a menos que a causa dessa ideia seja justamente Deus, que a imprime em nossa mente.

Descartes formula outra prova da existência de Deus, conhecida como **prova ontológica**: o pensamento que se tem de Deus é a ideia de um ser perfeito. Se um ser é perfeito, deve ter a perfeição da existência; caso contrário, lhe faltaria algo para ser perfeito. Portanto, ele existe.

Estabelecida por dedução a ideia inata de Deus como ser perfeito, o passo seguinte seria indagar sobre a realidade das coisas materiais.

Glossário

Ontológico. Relativo à ontologia, do grego *ontos*, "ser". O argumento cartesiano para a existência de Deus é ontológico justamente porque busca provar o ser de Deus.

3.3 O mundo existe?

Descartes começou esse questionamento duvidando da existência do mundo e do próprio corpo. Chegou a levantar a hipótese de um Deus enganador, de um gênio maligno que nos fizesse perceber um mundo inexistente. Porém, considerando a certeza de que Deus existe e é infinitamente perfeito, pode-se concluir que ele não nos enganaria. A existência de Deus é, então, a suprema garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são reais. Portanto, o mundo existe de fato – e, dentre as coisas do mundo, meu próprio corpo existe.

No entanto, os objetos do mundo externo chegam à consciência como ideias adventícias (que têm uma realidade externa). Por isso, Descartes aplica seu método para verificar quais dessas ideias são claras e distintas. Encontra a ideia de **extensão**, uma propriedade essencial do mundo material. Restam as propriedades secundárias – cor, sabor, peso, som –, que são subjetivas, porque delas não podemos ter ideias claras e distintas.

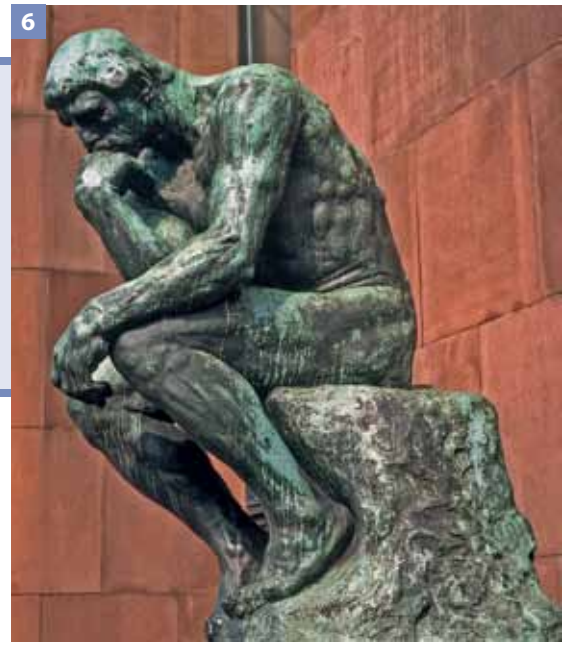
Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

A escultura *O pensador* (figura 6), universalmente usada para representar a reflexão filosófica, exige, ela mesma, nossa reflexão: para Descartes, seria o momento primeiro de introspecção puramente racional, na busca de ideias claras e distintas. Dele discorda Hegel, quando diz que a filosofia é como o pássaro de Minerva [a coruja], que levanta voo somente ao entardecer, ou seja, o filósofo reflete sobre o que já passou. E você, como interpreta a escultura de Rodin?

Ao intuir o *cogito*, Descartes identificou a *res cogitans* (coisa pensante). A isso ele junta a *res extensa* (coisa extensa) como atributo do corpo e das coisas do mundo. A essas duas ele acrescenta ainda a ideia de movimento, que Deus injetou no mundo quando o criou.

6



ALBUM/AKG IMAGES/DORIS POKLEKOWSKI/LATINSTOCK

3.4 Consequências do *cogito*

O percurso realizado por Descartes denota o caráter absoluto e universal da razão, que, partindo do *cogito* e só com as próprias forças, descobre todas as verdades possíveis. Daí ele sugere a importância de um método como garantia de que as imagens mentais, ou representações da razão, correspondam aos objetos a que se referem.

Outra decorrência do *cogito* é o dualismo psicofísico – ou dicotomia corpo-consciência –, segundo o qual o ser humano é um ser duplo, composto de substância pensante e substância extensa. Descartes sente dificuldade para conciliar as duas substâncias, cujo antagonismo será objeto de debates durante os dois séculos subsequentes.

O corpo é uma realidade física e fisiológica – e, como tal, possui massa, extensão no espaço e movimento, e desenvolve atividades como alimentação, digestão; por isso, está sujeito às leis da natureza. Já a mente desenvolve atividades como recordar, raciocinar, conhecer e querer, que não têm extensão no espaço nem localização; nesse sentido, não se submetem às leis físicas. Estabelecem-se, assim, dois domínios diferentes: o corpo, objeto de estudo da ciência, e a mente, objeto da reflexão filosófica.

Figura 6 • Escultura *O pensador*, de Auguste Rodin, cujo primeiro molde data de 1902. Esta cópia encontra-se em Bielefeld, na Alemanha.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 O empirismo britânico

Ao contrário dos racionalistas, os empiristas enfatizam o papel dos sentidos e da experiência sensível no processo do conhecimento. Essa tendência filosófica disseminou-se principalmente na Inglaterra. Francis Bacon, John Locke e David Hume são os principais expoentes do pensamento empirista nos séculos XVII e XVIII.

4.1 Francis Bacon: saber é poder

Francis Bacon (1561-1626) foi um nobre inglês que fez carreira política e chegou a ser chanceler no governo do rei Jaime I. Sua principal obra filosófica é o *Novum organum* (Novo órgão), em que o termo "órgão" é entendido como instrumento do pensamento. Nesse livro, Bacon diz que a lógica aristotélica, baseada na dedução, é inadequada para o progresso da ciência. Ele argumenta que a indução

Glossário

Ídolo. Do latim *idolum* e do grego *eidolon*, "imagem". Do ponto de vista religioso, é a imagem de uma divindade a ser cultuada. Para Bacon, significa uma ideia falsa e ilusória, que deve ser afastada para que seja possível conhecer a realidade.

Foro. Do latim *forum*, "praça pública", "mercado".

é o método mais eficiente de descoberta e insiste na necessidade da experiência e da investigação da realidade. Ele inicia esse trabalho de reflexão denunciando os ídolos – preconceitos e noções falsas que dificultam a apreensão da realidade.

Bacon distingue quatro tipos de ídolos:

- **ídolos da tribo:** "estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana". São os preconceitos que circulam na comunidade em que se vive. Trata-se da comodidade das verdades dadas e não questionadas, o que é o contrário do espírito científico, cujas hipóteses devem ser confirmadas pelos fatos. Exemplo: as generalizações da astrologia, que para Bacon é uma falsa ciência;
- **ídolos da caverna:** são os provenientes de cada indivíduo.

Reflita

Discuta com os colegas quais são os principais preconceitos (ídolos da tribo) que vigoram no meio em que vocês vivem (o país, a escola ou o grupo de amizade).

> Cada um (...) tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza; seja devido à natureza própria singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram.
>
> BACON, Francis. *Novum organum*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 27. (Coleção Os Pensadores.)

Alguns indivíduos observam as diferenças entre as coisas, outros, as semelhanças; uns são mais contemplativos, outros, mais práticos, e assim por diante. Bacon cita o filósofo pré-socrático Heráclito, que criticava as pessoas por procurarem a ciência em seus pequenos mundos, e não no mundo maior, que seria o mesmo para todos;

- **ídolos do mercado** (ou do foro) (figura 7): são os que decorrem das relações comerciais. As pessoas se comunicam por meio das palavras, sem perceber que a linguagem tem um efeito perturbador, distorce a realidade e nos arrasta para inúteis controvérsias e fantasias. Por exemplo, palavras como "sorte" ou "primeiro motor" referem-se a coisas inexistentes;
- **ídolos do teatro:** são aqueles que decorrem dos vícios das diversas doutrinas filosóficas. Bacon compara os sistemas filosóficos a fábulas, que poderiam ser representadas no palco. Muitas vezes essas doutrinas se mesclam com a teologia, com o saber comum e com superstições arraigadas. Por isso, mais do que estabelecer teorias, é necessário pesquisar as leis da natureza.

Em resumo, Bacon valorizou a experiência, fundamental para o desenvolvimento da ciência. Até hoje nos referimos ao **ideal baconiano** para falar dessa esperança desmedida nos benefícios da ciência e do progresso, cujas consequências danosas começamos a sentir no século XX, com a devastação da natureza.


7

ALINARI ARCHIVES/OTHER IMAGES

Figura 7 • Ruínas do Fórum de Roma. O *forum* era o centro da vida romana, local onde se tratava dos assuntos de interesse público e privado nos estabelecimentos comerciais, nos templos e nos tribunais.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

O ideal baconiano – "saber é poder" – estimula até hoje o desenvolvimento da tecnologia e a busca do progresso a qualquer custo. Converse com um colega para listar exemplos de como o desenvolvimento tecnológico trouxe benefícios, mas também danos às pessoas e ao ambiente.

As falhas de método de Bacon devem-se a não ter construído um sistema completo, enquanto seus exemplos de indução são menos exatos que o método indutivo-dedutivo de Galileu.

4.2 John Locke: a tábula rasa

O filósofo inglês John Locke (1632-1704) elaborou sua teoria do conhecimento na obra *Ensaio sobre o entendimento humano*. Ele tinha por objetivo saber "qual é a essência, qual a origem, qual o alcance do conhecimento humano". Além disso, escreveu sobre política e tornou-se um importante teórico do liberalismo.

Locke critica a doutrina das ideias inatas de Descartes, afirmando que a alma é como uma **tábula rasa** (tábua sem inscrições), ou seja, como um papel em branco (figura 8). Por isso, o conhecimento começa apenas a partir da experiência sensível. Se houvesse ideias inatas, ele argumenta, as crianças já nasceriam sabendo. Além do mais, a ideia de Deus não se encontra em toda parte, pois há povos sem essa representação ou, pelo menos, sem a representação de Deus como ser perfeito.

Se compararmos com a teoria do conhecimento cartesiana, veremos que, enquanto Descartes enfatiza o papel do sujeito no processo do conhecimento, Locke enfatiza o papel do objeto.

Ao investigar a origem das ideias, Locke segue um caminho contrário ao dos filósofos racionalistas. Assim, em vez de privilegiar as verdades da razão – típicas da lógica e da matemática –, ele prefere o caminho psicológico e indaga como se processa o conhecimento. Distingue, então, duas fontes possíveis para nossas ideias: a sensação e a reflexão.

A **sensação**, cujo estímulo é externo, resulta de uma modificação que os sentidos provocam na mente. Pela sensação, percebemos que as coisas têm qualidades que podem produzir ideias. Essas qualidades são primárias e secundárias:

- **qualidades primárias:** são objetivas, porque existem realmente nas coisas. Exemplos: solidez, extensão, configuração, movimento, repouso e número.
- **qualidades secundárias:** variam de sujeito para sujeito e, por isso, são em parte relativas e subjetivas. Exemplos: cor, som, odor e sabor (figura 9).

Figura 8 • O selo de cera era usado para lacrar documentos. Em seguida, imprimia-se o carimbo que identificava o remetente. Locke usa o exemplo para dizer que, no início, a mente é como a cera em que nada foi inscrito.

Figura 9 • As cores da palheta são qualidades secundárias, logo, subjetivas. Já a palheta, que é um objeto de madeira, tem as qualidades primárias e objetivas de extensão e solidez.

8



MAURITIUS/LATINSTOCK

9



ALBUM/AKG IMAGES/PICTURECONTACT/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



ERICH LESSING/ALBUM ART/LATINSTOCK

Figura 10 • *Ninfeias* (1916-1919), de Claude Monet. As telas de Monet nos permitem relacionar impressionismo e empirismo, porque o pintor transpõe a primeira impressão do seu olhar, que não é objetiva.

Já a **reflexão**, que se processa internamente, é a percepção que a alma tem daquilo que ocorre nela mesma. A razão reúne, coordena, compara, distingue e compõe as ideias, que estabelecem conexão. As ideias simples combinam-se entre si formando as ideias complexas – por exemplo, as ideias de identidade, existência, substância, causalidade.

Locke conclui que não podemos ter ideias claras e distintas, como pensou Descartes. Além disso, não é possível conhecer a essência das coisas. Afinal, por serem formadas no intelecto, as ideias complexas não têm validade objetiva: elas são apenas nomes de que nos servimos para ordenar as coisas. Elas têm apenas valor prático, e não valor cognitivo (figura 10).

Reflita

Lembra-se da questão dos universais, abordada no capítulo anterior? Qual é a semelhança entre as ideias de Locke e a dos nominalistas?

4.3 David Hume: o hábito e a crença

O escocês David Hume (1711-1776) levou mais adiante o empirismo de Francis Bacon e John Locke. Na obra *Tratado da natureza humana*, Hume preconiza um método de investigação que consiste em duas operações: observar e generalizar. Ele afirma que o conhecimento tem início com as percepções individuais, que podem ser impressões ou ideias, dependendo de como essas percepções atingem a mente. As **impressões** são as percepções originárias que se apresentam à consciência com maior vivacidade, tais como as sensações (ouvir, ver, sentir dor ou prazer etc.). Já as **ideias** são as percepções derivadas, cópias pálidas das impressões e, portanto, mais fracas.

Portanto, o sentir (impressão) distingue-se do pensar (ideia) apenas pelo grau de intensidade. Além disso, a impressão é sempre anterior à ideia, que depende de uma impressão para surgir. Desse modo, Hume também rejeita as ideias inatas.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As ideias podem ser complexas quando, pela imaginação, as combinamos entre si. Hume dá dois exemplos: uma montanha de ouro e um centauro (figura 11).

A imaginação é um conjunto de percepções associadas em função da semelhança, da contiguidade (no espaço ou no tempo) ou da relação de causa e efeito. No entanto, essas relações não podem ser observadas, porque não pertencem aos objetos. Elas são apenas modos pelos quais passamos de um objeto a outro, de um termo a outro, de uma ideia particular a outra.

Quando uma bola de bilhar se choca com outra, e esta se põe em movimento, não há nada na experiência que justifique denominar a primeira bola como causa do movimento da segunda. O mesmo se pode dizer quando associamos calor e fogo, peso e solidez, ou quando imaginamos que o sol surgirá na manhã do dia seguinte. Hume nega, portanto, a validade universal do princípio de causalidade e da noção de necessidade associada a esse princípio. Então, o que observamos é sempre a sucessão de fatos, não o nexo causal entre eles.

11



ARTE & IMMAGINI SRL/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 11 • Nesta tela de Pompeo Battoni, *Aquiles e o centauro Quíron*, de 1746, o centauro é o preceptor de Aquiles e o ensina a usar a razão e a força.

É o hábito criado pela observação de casos semelhantes que nos faz ultrapassar o dado instantâneo e afirmar mais do que a experiência pode alcançar. A partir desses casos, supomos que o fato atual se comportará de maneira análoga. Portanto, a única base para as ideias gerais é a crença – e não a certeza.

5 Para finalizar

No século XVII, a questão epistemológica tornou-se central no pensamento de vários filósofos, entre os quais se destacaram Descartes, Bacon, Locke e Hume. Esses pensadores estabeleceram métodos para investigar o alcance e os limites do conhecimento humano. Nesse sentido é que se deu o confronto entre o racionalismo e o empirismo: enquanto os racionalistas confiam na capacidade humana de atingir verdades universais, eternas, os empiristas questionam o caráter absoluto da verdade, já que para eles o conhecimento parte de uma realidade em transformação constante, em que tudo é relativo.

Ainda no século XVIII, o confronto entre empirismo e racionalismo foi objeto das reflexões de Kant, que influenciariam fortemente a filosofia do século XIX. É o que veremos no próximo capítulo.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Explique qual foi a importância do método na Idade Moderna.

Na Idade Moderna, o pensamento laico valorizou a razão como instrumento para conhecer, estimulando o maior rigor do método, a fim de evitar o erro e atingir a certeza. Além da filosofia, a ciência moderna procedeu à busca de um novo método.

2 Por que não se pode dizer que a dúvida de Descartes o transforma em um filósofo cético?

Embora ponha tudo sob suspeita, inclusive a existência do mundo, de Deus e do próprio corpo, Descartes levanta hipóteses com o objetivo de chegar a uma verdade inquestionável. Sua atitude questionadora é, portanto, a de uma dúvida metódica.

3 Qual é a principal diferença entre o racionalismo e o empirismo? Faça um esquema para demonstrar sua resposta.

Racionalismo: prioridade da razão sobre os sentidos no processo do conhecimento; busca de uma verdade indubitável. Empirismo: prioridade da experiência sobre o intelecto (este depende daquele); impossibilidade de conhecer a essência das coisas.

4 O que são qualidades primárias e secundárias para Locke? E qual é a diferença entre elas?

As qualidades primárias (solidez, extensão, configuração etc.) são objetivas, válidas para todos. As qualidades secundárias (cor, som, odor, sabor etc.) são subjetivas, ou seja, dependem da percepção de cada indivíduo.

5 Para o escocês David Hume, quais são as duas operações do método de investigação?

As duas operações são observar e generalizar.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Atribua as citações seguintes a Descartes ou a Locke e justifique sua resposta.

a) "(...) penso não haver mais dúvida de que não há princípios práticos com os quais todos os homens concordam e, portanto, nenhum é inato."

b) "Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos."

A citação **a** é de Locke, que recusa as ideias inatas porque considera que todas as ideias partem dos sentidos. A citação **b** é de Descartes, que admite a existência de ideias inatas, tais como o *cogito* (penso, logo existo) e Deus.

2 Leia o texto e responda às questões:

> A verdadeira causa e raiz de todos os males que afetam as ciências é uma única: enquanto admiramos e exaltamos de modo falso os poderes da mente humana, não lhe buscamos auxílios adequados.
>
> BACON, Francis. *Novum organum*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 20. (Coleção Os Pensadores.)

a) O que Bacon critica nessa passagem?

Bacon critica os racionalistas e também toda a filosofia aristotélica, por ser metafísica.

b) Quais seriam, segundo ele, os "auxílios adequados" a serem buscados?

Os auxílios adequados são os recursos da experimentação empírica, necessária ao conhecimento científico.

3 Leia o texto e responda à questão:

> O *hábito* é, pois, o grande guia da vida humana. É aquele princípio único que faz com que nossa experiência nos seja útil e nos leve a esperar, no futuro, uma sequência de acontecimentos semelhante às que se verificaram no passado. Sem a ação do hábito, ignoraríamos completamente toda questão de fato além do que está imediatamente presente à memória ou aos sentidos.
>
> HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 145-146.

Para Hume, qual é o papel do hábito no conhecimento?

O hábito desenvolve em nós a crença, e esta nos permite relacionar um acontecimento a outro a fim de que possamos compreender provisoriamente a realidade e agir nela.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dissertação

Professor: O aluno deve desenvolver um texto com base nas seguintes ideias: Descartes começou com a dúvida metódica, que inclui a possibilidade de negar a existência real do mundo. Quando chegou à ideia de um Deus, imaginou inicialmente que esse Deus pudesse ser um gênio maligno que o fizesse ver o que não existe. Porém, como Deus é perfeito, isso seria impossível. Logo, se Deus é perfeito, o mundo existe.

(**UFMG**) Leia este trecho:

> Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.
>
> DESCARTES. *Meditações*. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 88-89.

Nesse trecho, o autor refere-se aos grandes poderes de um suposto gênio maligno. Com base na leitura desse trecho e considerando outras ideias contidas nessa obra de Descartes, redija um texto explicando como o filósofo se mostra capaz de vencer o gênio maligno.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO 3

De Kant a Marx: a crítica à metafísica

No século XVIII, a Ilustração exaltou a crença na razão como guia na busca da verdade. Com isso, esse movimento deu prosseguimento ao projeto racionalista de Descartes, filósofo que afirmou o poder do sujeito de alcançar verdades inquestionáveis. No entanto, essas pretensões foram reexaminadas por Kant e, no século XIX, por Hegel, Comte e Marx. Esses pensadores abriram novas perspectivas para o conhecimento, sobretudo a partir do desenvolvimento tecnológico e industrial, que exercia grande impacto sobre as transformações sociais e econômicas daquele período (figura 1).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1



JUPITER IMAGES/AKEYSTONE

Figura 1 • No centro da imagem que ilustra a página de rosto da *Enciclopédia*, vemos a Verdade envolta em luz. Ao lado dela estão a Imaginação (Poesia), que a enfeita, e a Razão (Filosofia), que lhe retira o manto.

A *Enciclopédia*

A *Enciclopédia*, ou *Dicionário analítico de ciências, artes e ofícios*, é a obra-símbolo da Ilustração francesa. Composta de 28 volumes, foi organizada por Denis Diderot e contou com mais de cem colaboradores, entre os quais figuram Montesquieu, D'Alembert, Voltaire, Rousseau e Condorcet.

1 A Ilustração: o Século das Luzes

O século XVIII é o período conhecido como Iluminismo, Século das Luzes, Ilustração ou *Aufklärung* (em alemão, "esclarecimento"). Como as designações sugerem, a época foi marcada pelo otimismo de reorganizar o mundo por meio das luzes da razão humana. Desde o Renascimento, o princípio da autoridade era desconstruído, à medida que se reconhecia que os poderes humanos, por si mesmos, seriam capazes de orientar-se. O racionalismo e o empirismo do século XVII forneceram o substrato filosófico dessa reflexão.

A filosofia do Iluminismo sofreu a influência da revolução científica, iniciada por Galileu no século XVII. O método experimental recém-descoberto teve a técnica como aliada e fez surgirem as chamadas ciências modernas, entre elas a física e a astronomia. A natureza passou a ser vista de maneira secularizada, desvinculada da religião. E o ser humano, vendo-se capaz de procurar soluções para seus problemas com base em princípios racionais, estendeu o uso da razão a todos os domínios da vida social: a política, a economia, a moral e até mesmo a religião.

2 Kant: o criticismo

Immanuel Kant (figura 2) nasceu em Königsberg (Alemanha), cidade de onde nunca saiu. Era profundamente religioso e levou uma vida metódica, dedicando-se a estudar e ensinar. Escreveu vários livros, entre os quais se destacam *Crítica da razão pura, Crítica da razão prática* e *Crítica da faculdade do juízo*. Kant foi um defensor da autonomia moral do sujeito e da liberdade de pensamento.

Figura 2 • Retrato de Immanuel Kant (1724-1804) aos 44 anos, pintado por Becker (segunda versão), *c.* 1768.



ALBUM/AKG IMAGES/LATINSTOCK

No tempo de Kant – século XVIII – as questões relativas ao conhecimento ainda se concentravam em torno da controvérsia entre racionalistas e empiristas. Kant estava atento a esses debates e, ao debruçar-se sobre o assunto, em sua obra *Crítica da razão pura*, mudou o rumo da discussão.

"Qual é o verdadeiro valor dos conhecimentos? O que é conhecimento?" A partir dessas perguntas, Kant colocou a razão humana em um tribunal para julgar o que pode ser conhecido legitimamente e que tipo de conhecimento não tem fundamento. Por esse motivo, a filosofia kantiana é chamada de criticismo. Segundo o próprio Kant, a leitura da obra de Hume o despertou do "sono dogmático" em que estavam mergulhados os filósofos que não questionavam se as ideias da razão correspondem mesmo à realidade.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2.1 Sensibilidade e entendimento

Para superar a contradição entre racionalistas e empiristas, Kant explica que o conhecimento é constituído, por um lado, de algo que recebemos de fora, da experiência (*a posteriori*), e, por outro, de algo que já existe em nós (*a priori*) anterior à experiência. O que vem de fora é a **matéria** do conhecimento, as próprias coisas – nisso, Kant concorda com os empiristas. E o que vem de nós mesmos é a **forma** do conhecimento: nesse ponto ele está com os racionalistas, embora admita que a razão não é uma "folha em branco".

Qual é, então, a novidade do pensamento de Kant? É a ideia de que matéria e forma atuam ao mesmo tempo. Ou seja, para conhecer as coisas, precisamos da experiência sensível (matéria); no entanto, essa experiência não servirá de nada se não for organizada por formas de **sensibilidade** e **entendimento**, que são *a priori* e condição da própria experiência. A sensibilidade é a faculdade receptiva por meio da qual obtemos as representações exteriores, enquanto o entendimento é a faculdade de pensar ou produzir conceitos.

Em cada uma dessas faculdades, Kant identifica formas *a priori*. As formas *a priori* da sensibilidade, as chamadas **intuições puras**, são o espaço e o tempo. Eles não existem como realidade externa: são, em vez disso, condições para que o sujeito organize as percepções. Fora de nós estão as coisas, mas quando as percebemos aqui ou acolá, antes, depois ou durante, é porque temos as intuições apriorísticas de espaço e tempo. Caso contrário, não seríamos capazes de perceber as coisas.

As formas *a priori* do entendimento são as **categorias**. O entendimento é a faculdade de julgar, de unificar as impressões que vêm dos sentidos, e as categorias funcionam como conceitos puros, condições para esse julgamento. Kant identifica 12 categorias, entre as quais destacamos três: a substância, a causalidade e a existência. Quando observamos a natureza e afirmamos que "uma coisa é isto", ou que "tal fato é causa de outro", ou que "isto existe", temos duas operações: a percepção das coisas por meio dos sentidos e a aplicação das categorias de substância, causalidade e existência, respectivamente. Essas categorias não vêm da experiência: elas são postas pelo próprio sujeito cognoscente no momento da percepção. Sem elas, esses julgamentos não seriam possíveis.

Reflita

Lembre-se de que Hume explica a causalidade pelo hábito e pela crença. Kant refuta suas teses ao afirmar que a causalidade é uma condição da experiência e que, portanto, não poderia ser derivada dela.

2.2 As ideias da razão e a metafísica

Com sua teoria, Kant garante que o conhecimento científico é universal e necessário. No entanto, trata-se do conhecimento fenomênico, isto é, restrito aos **fenômenos**, aos quais temos acesso pelos sentidos e pelo entendimento. Poderíamos, porém, conhecer a coisa em si (o ***noumenon***)?

O que seria a coisa em si? São as ideias da razão para as quais a experiência não nos dá o conteúdo necessário. Portanto, o *noumenon* pode ser pensado mas não pode ser conhecido efetivamente, porque o conhecimento humano se limita ao horizonte da experiência. Por outro lado, o ser humano deseja ir além da

Glossário

Fenômeno. Do grego *phainoménon*, "aparência", o que aparece para nós.

Noumenon. Do grego, derivado de *noein*, "pensar", significa "o que é pensado". Kant usa o termo para designar a coisa em si, em oposição ao fenômeno.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

experiência. E nisto consiste o trabalho da razão: ela investiga as ideias de alma, mundo e Deus – os objetos da metafísica.

Ao examinar cada uma dessas ideias, Kant depara-se com as **antinomias** da razão pura, isto é, com argumentos contraditórios que se opõem em tese e antítese. Alguns exemplos:

- a ideia de liberdade tanto pode ter argumentos a favor quanto contra;
- pode-se argumentar tanto que o mundo tem um início e é limitado; ou, então, que não teve início e é ilimitado;
- tanto se argumenta que o mundo existe a partir de uma causa necessária, que é Deus, e que não existe um ser absolutamente necessário que seja causa do mundo.

Diante desses impasses, Kant conclui que não é possível conhecer as coisas tais como são em si. Disso ele constata a impossibilidade do conhecimento metafísico. Portanto, devemos nos abster de afirmar ou negar qualquer coisa a respeito dessas realidades. Nesse ponto, Kant revela-se adepto de uma espécie de **agnosticismo**.

O próprio Kant descreveu sua filosofia crítica como uma "revolução copernicana". Copérnico levantou a hipótese de que o Sol não gira em torno da Terra, e sim que esta é que gira em torno dele. De modo semelhante, Kant afirma que, se a metafísica anterior admitia que nosso conhecimento devia regular-se pelos objetos, agora admitimos que os objetos se regulam pelo nosso conhecimento. Portanto, são os objetos que se adaptam ao conhecimento – e não o contrário.

Mesmo criticando o racionalismo e o empirismo, o procedimento kantiano redundou em idealismo: ainda que tenha reconhecido a experiência como fornecedora da matéria do conhecimento, é o nosso espírito, graças às estruturas *a priori*, que constrói a ordem do Universo.

Glossário

Antinomia. Do grego *anti-nomía*, "contradição das leis", "conflito de leis".

Agnosticismo. Do grego *a*, "não", e *gnosis*, "conhecimento". Para um agnóstico, a razão é incapaz de afirmar ou negar a existência da alma, do mundo e de Deus. Com frequência o termo restringe-se à ideia de Deus; nesse caso, o agnosticismo distingue-se do ateísmo, que nega a existência de Deus.

3 Hegel: o idealismo dialético

O alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) viveu, ainda jovem, a turbulência política que sacudiu a Europa. Entusiasmou-se com a Revolução Francesa e, inicialmente, admirava Napoleão (figura 3). Esse momento histórico peculiar refletiu-se em sua concepção filosófica de história e em sua epistemologia.

Hegel escreveu muitas obras, com destaque para a *Fenomenologia do espírito*. Sua vasta erudição e o sentido que ele deu a alguns conceitos tradicionais tornam sua filosofia de difícil interpretação. Conceitos como ser, lógica, absoluto, dialética assumem sentidos radicalmente novos. Por exemplo, o ser hegeliano não é o ser estático da metafísica tradicional, mas uma realidade em processo, uma estrutura dinâmica. Além disso, Hegel não examina nenhum conceito por si mesmo, mas sempre em relação ao seu contrário: ser/nada, corpo/mente, liberdade/determinismo, universal/particular, Estado/indivíduo.



MUSÉE NATIONAL DU CHÂTEAU DE MALMAISON, RUEIL-MALMAISON, FRANÇA

Figura 3 • *Napoleão atravessando os Alpes*, tela de Jacques Louis David. Hegel admirava Napoleão, até que, em 1807, as tropas francesas de invasão acamparam na frente de sua casa, em Jena (Alemanha).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3.1 A dialética

Hegel introduz uma noção nova, a de que a razão é histórica – ou seja, a verdade é construída no tempo. Partindo da concepção kantiana de que a consciência interfere ativamente na construção da realidade, ele propõe uma **filosofia do devir**, do ser como processo, como movimento, como vir a ser. Desse ponto de vista, o ser está em constante transformação. Por isso, surge a necessidade de fundar uma nova lógica que não parta do princípio de identidade, que é estático, mas do princípio de contradição. Somente assim seria possível dar conta da dinâmica do real: a **dialética**.

Hegel desenvolve um novo conceito de história, também dialético: o presente é engendrado por longo processo; a história não é a simples acumulação e justaposição de fatos no decorrer do tempo. Em vez disso, ela resulta de um processo cujo motor interno é a contradição dialética, que conduz ao autoconhecimento do espírito no tempo. Na dialética, todas as coisas e ideias surgem e morrem. Como diz o poeta Goethe, "Tudo que existe merece desaparecer". Mas essa força destruidora é também o motor do processo histórico. Ou seja, a morte é criadora. Todo ser contém em si mesmo o germe da própria ruína e, portanto, da própria superação (figura 4).

Em sua principal obra, *Fenomenologia do espírito*, o termo **fenomenologia** remete à noção de fenômeno como aquilo que nos aparece. Todo fenômeno, por conter em si próprio a contradição, se manifesta em três etapas: a afirmação, a contradição e a superação, na medida em que é um objeto distinto de si, porque nele descobrimos a contradição. Essa contradição, por sua vez será superada em um terceiro momento.

As três etapas da dialética mimetizam o desenvolvimento da planta, que passa por botão, flor e fruto:

- o botão é a afirmação;
- a flor é a contradição, é a negação do botão;
- o fruto é uma categoria superior, a superação da contradição entre botão e flor.

Glossário

Dialética. Do grego *dialektiké*, termo composto de *lego*, "falar", e *dia*, "por meio de". Entre os gregos, significa o diálogo, a arte da discussão. Em Hegel, é a mudança regida pelo princípio de contradição, que fundamenta a existência de um ser em processo.

4



STEFANO BE-ANCHETTI/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 4 • Retrato de Hegel em seu escritório (século XIX). Avançando a partir de postulados kantianos, o filósofo propôs um conceito dialético de história.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para melhor entender o processo dialético, lembramos que Hegel usa a palavra alemã *aufheben*, "superar". A riqueza do termo alemão está em significar ao mesmo tempo "suprimir", "negar" e também "conservar". Essa ambivalência é adequada para entender que, ao superar a contradição, o que é negado é ao mesmo tempo conservado pela dialética. Portanto, a contradição não se reduz à alternativa de enunciados excludentes de tipo "ou-ou". Assim, a flor de laranjeira "nega" o botão, mas o "conserva", já que botão e flor são de laranjeira; a contradição é superada no fruto, a laranja.

Reflita

O que é a crise da adolescência senão a contradição daquilo que fomos na infância com aquilo que estamos nos tornando? Por isso confrontamos nossos pais e seus valores, ao mesmo tempo que esses valores fazem parte de nós. A idade adulta, por fim, é a superação dessa contradição, até que outras contradições surjam para serem superadas. Esse processo é contínuo, ininterrupto. Você viveu ou vive essas contradições? Dê um exemplo.

Professor: Na adolescência, esse embate é personificado no confronto de gerações, no pertencimento a grupos que contrariam a visão de mundo dos pais etc. Na fase adulta, isso também fica claro nas diversas transições: da escola para o trabalho, o casamento, os filhos e as perdas (separação, morte etc.).

3.2 O idealismo

O que Hegel entende por espírito? Num sentido geral, espírito (*Geist*, em alemão) é uma atividade da consciência que se manifesta no tempo e se expressa em três momentos distintos de autoconhecimento, de acordo com o movimento da dialética:

- **espírito subjetivo:** é o espírito individual, ainda encerrado na própria subjetividade, como ser de emoção, desejo, imaginação;
- **espírito objetivo:** opõe-se ao espírito subjetivo; é o espírito exterior como expressão da vontade coletiva por meio da moral, do direito e da política. O espírito objetivo realiza-se no mundo da cultura;
- **espírito absoluto:** ao superar o espírito objetivo, realiza a síntese final. A mais alta manifestação do espírito absoluto é a filosofia, saber de todos os saberes – é quando o espírito atinge a absoluta autoconsciência.

5



WHITE IMAGES/SCALA ARCHIVES/IMAGEPLUS

Figura 5 • Minerva é a correspondente latina de Atena, deusa grega da razão, das artes, da literatura e da filosofia. Ela é geralmente representada com a coruja, uma ave noturna.

Por isso, Hegel chama a filosofia de "pássaro de Minerva que chega ao anoitecer" (figura 5); ou seja, a crítica filosófica é feita ao final do trabalho realizado. O espírito absoluto é o mais complexo, porque ele é a síntese que resulta de todo o percurso anterior de autoconhecimento do espírito.

Ao explicar esse movimento gerador da realidade, Hegel desenvolve uma dialética idealista: a racionalidade é o próprio tecido do real e do pensamento. No livro *Filosofia do direito*, Hegel diz que o mundo é a manifestação da ideia: "O real é racional e o racional é real". A verdade deixa, assim, de ser um fato para ser o resultado do desenvolvimento do espírito.

Muitos dos filósofos posteriores a Hegel aproveitaram a ideia de que a razão é histórica e transforma-se a partir de conflitos e contradições. Como veremos, ora os pensadores reafirmam o caráter determinante da razão e reforçam o idealismo, ora criticam esse idealismo e tendem para o materialismo.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Comte: o positivismo

A Revolução Industrial do século XVIII foi a expressão máxima do poder da burguesia em expansão e demonstrou a eficácia da recém-inaugurada ciência moderna. Ciência e técnica tornaram-se aliadas, provocando modificações jamais imaginadas. O deslumbramento diante desse novo saber e desse novo poder levou à concepção do **cientificismo**, valorização exacerbada da ciência como único conhecimento possível. Ao mesmo tempo, elegeu-se o método das ciências da natureza como o único válido; portanto, ele deveria ser estendido a todos os campos do conhecimento.

É nesse ambiente de exaltação da ciência que surge a doutrina positivista, cujo principal representante foi o francês Augusto Comte (1798-1857). Em sua obra *Curso de filosofia positiva*, ele diz ter descoberto uma grande lei fundamental, segundo a qual o espírito humano teria passado por três estágios históricos: o teológico, o metafísico e, finalmente, o positivo.

No **estado teológico**, a explicação dos fenômenos supõe uma causalidade sobrenatural: os fenômenos da natureza, a origem dos seres e até mesmo os costumes são explicados pela ação dos deuses (figura 6).


6

WERNER FORMAN ARCHIVE/ IMAGEPLUS

Figura 6 • O deus egípcio Osíris, como é representado no Livro dos Mortos, é verde porque simboliza a fertilidade da terra, ao mesmo tempo que é o senhor da vida, da morte e da ressurreição.

No **estado metafísico**, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, por noções absolutas pelas quais são explicadas a origem e o destino do Universo; por exemplo, na sua metafísica, Aristóteles explica a queda dos corpos pela essência dos corpos pesados, cuja natureza os faria tender para baixo, para o seu "lugar natural".

Por fim, no **estado positivo**, com o desenvolvimento das ciências modernas, as ilusões teológicas e metafísicas são superadas pelo conhecimento das relações invariáveis dos fatos, por meio de observações e do raciocínio, que visam alcançar leis universais. Por exemplo, Galileu Galilei não indaga **por que** os corpos caem: ele não procura as causas primeiras e últimas, mas se contenta em descrever **como** esse fenômeno ocorre.

Para Comte, o termo **positivo** corresponde à maturidade do espírito humano e designa o real em oposição ao quimérico, a certeza em oposição à indecisão, o preciso em oposição ao vago. Desse modo, os positivistas retomam a crítica à metafísica feita por Kant no século XVIII. Eles levam às últimas consequências o papel, reservado à razão, de descobrir as relações constantes e necessárias entre os fenômenos, ou seja, as leis invariáveis que os regem.

4.1 A ordem e o progresso

Comte se diz fundador da sociologia, por ter lhe dado o nome e o estatuto de ciência. Define-a como **física social** e, ao tomar os modelos metodológicos da biologia, explica a sociedade como um organismo coletivo. Reconhece que o indivíduo, submetido à consciência coletiva, tem pouca possibilidade de intervenção nos fatos sociais. A ordem da sociedade é permanente, assim como a ordem natural.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Comte afirma também que apenas uma elite teria a capacidade de desenvolver a inteligência e os sentimentos morais. O restante dos seres humanos (dominados pela afetividade e por isso causadores da instabilidade social) deveria ser moldado e dirigido por essa elite em nome da harmonia e da ordem social, a fim de garantir o "progresso dentro da ordem". Em oposição aos movimentos revolucionários que haviam abalado a ordem política na França, Comte enfatiza que essa ordem supõe a ausência de contestação (figura 7).

7



WHITE IMAGES/SCALA ARCHIVES/IMAGEPLUS

Figura 7 • *A tomada da Bastilha em 14 de julho de 1789*, Museu do Castelo, Paris, França. Com o lema "liberdade, igualdade e fraternidade", a Revolução Francesa depôs o Antigo Regime. Para Comte, no entanto, as revoluções eram a manifestação da desordem que impedia o progresso.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ao contrário de Hegel, Comte não pensa a história como um vir a ser, mas como uma sequência de estados definitivos. Para ele, a evolução da sociedade é a realização, no tempo, daquilo que já existia em forma embrionária e se desenvolve até alcançar o ponto final. Da mesma maneira, o conceito comtiano de ciência é o de um saber acabado, que se mostra sob a forma de resultados concretos, de técnicas.

4.2 A religião da humanidade

A rígida construção teórica de Comte culmina com a concepção da **religião positiva**. No entanto, essa noção não se confunde com a religião tradicional, considerada por ele como um estágio inferior do desenvolvimento humano. Comte via a necessidade de refundar o poder espiritual em princípios não teológicos, por meio da criação de uma Igreja positivista, principalmente para convencer o proletariado a abandonar o projeto revolucionário. A religião positivista buscava fornecer, assim, o enquadramento social para colocar os indivíduos ao abrigo das convulsões históricas. A utopia comtiana era de que a religião positivista produzisse a harmonia social.

O positivismo no Brasil

Em 1881, Miguel Lemos e Teixeira Mendes fundaram a Igreja e Apostolado Positivista do Brasil (figura 8), na cidade do Rio de Janeiro. São eles também os idealizadores da bandeira brasileira, com o dístico "Ordem e progresso".

8



ALEXANDRE CAMPBELL/FOLHA IMAGEM

Figura 8 • Fachada da Igreja Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro. No alto do pórtico, o lema do positivismo comtiano: "O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim".

Figura 9 • Xilogravura de Fayga Ostrower para a edição de 1948 de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Inspirado pelos princípios do positivismo, o livro narra a vida dos personagens de acordo com supostas leis invariáveis.

4.3 A herança positivista

O positivismo repercutiu de maneira decisiva nas concepções cientificistas e tecnicistas, porque valorizava excessivamente o poder da ciência em conhecer e transformar o mundo. Essa orientação marcou a epistemologia das ciências humanas no início do século XX. Seu principal desdobramento foi a obra de Émile Durkheim (1858-1917), para quem a sociologia deveria ser uma ciência objetiva, a fim de examinar os fatos sociais como "coisas".

Seguindo também essa visão, a psicologia teve início na Alemanha, no final do século XIX, como **psicofísica**. Seus representantes, entre os quais Wilhelm Wundt (1852-1920), eram médicos que examinavam questões relativas à percepção e realizavam experiências controladas em laboratórios. Na literatura, o Naturalismo foi fortemente estimulado pela convicção de que as ações humanas são determinadas por fatores como a herança biológica, o meio e a classe social a que pertencem os indivíduos. No Brasil, destaca-se Aluísio Azevedo, autor do romance *O cortiço* (figura 9).

9



REPRODUÇÃO ICONOGRAPHIA

5 Marx: materialismo e dialética

Os alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), representantes do socialismo científico, observaram que os avanços técnicos aumentaram o poder humano sobre a natureza e foram responsáveis pelo progresso. Porém, de maneira contraditória, esses avanços trouxeram também a escravização crescente da classe operária, cada vez mais empobrecida.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Marx e Engels se aproveitaram da dialética de Hegel para explicar o devir da história. Porém, perceberam que a teoria hegeliana não conseguia explicar a vida social. Eles realizaram, então, uma inversão dessa teoria, criando assim as bases do **materialismo dialético**.

> (...) a dialética de Hegel foi colocada com a cabeça para cima ou, dizendo melhor, ela, que se tinha apoiado exclusivamente sobre sua cabeça, foi de novo reposta sobre seus pés.
>
> ENGELS, F. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. Em: MARX & ENGELS. *Antologia filosófica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971. p. 136.

Enquanto para Hegel o mundo material é a encarnação da ideia absoluta, da consciência, para o materialismo o mundo material é anterior ao espírito – ou seja, este deriva daquele. A matéria, como dado primário, é a fonte da consciência, esta um dado secundário, reflexo da matéria. Porém, a consciência humana, mesmo historicamente situada, não é pura passividade: o conhecimento das relações determinantes possibilita ao ser humano agir sobre o mundo.

5.1 Materialismo histórico

O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao campo da história. Como o próprio nome indica, é a explicação da história por fatores materiais (econômicos, técnicos). Pelo senso comum, costuma-se explicar a história pela ação das grandes figuras, como César, Carlos Magno, D. Pedro I, ou das grandes ideias. Marx inverte esse processo: no lugar das ideias, as condições materiais; no lugar dos heróis, a luta de classes – ela própria uma manifestação do movimento dialético, contraditório, da história (figura 10).

Segundo Marx, para estudar a sociedade não se deve partir do que os indivíduos dizem, imaginam ou pensam, mas de como produzem os bens materiais necessários à

10



MUSEU NACIONAL DE CUBA

Figura 10 • *Sessão do Conselho de Estado* (1922), óleo sobre tela de Georgina de Albuquerque.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

sobrevivência. Analisando as forças produtivas e as relações de produção é que se descobre como os seres humanos produzem sua vida e suas ideias, e como fazem a história.

Desse modo, as ideias do direito, da literatura, da filosofia, das artes e da moral estão diretamente ligadas ao modo de produção econômico. Por exemplo: na moral medieval, a fidelidade do vassalo em relação ao suserano decorre do modo de produção feudal, que estabelece os fortes **liames** da hierarquia social. Sem essa fidelidade, a relação de produção na sociedade feudal estaria arruinada. Com o desenvolvimento do comércio e da indústria, fazendo surgir o modo de produção capitalista, deixam de existir senhores, vassalos e servos. As relações de trabalho estabelecidas por contratos e a ideia de cidadania se sobrepõem aos valores de fidelidade e servidão.

Além disso, Marx e Engels dão ênfase à necessidade de que esse conhecimento produzido sobre a sociedade seja usado para mudar a realidade material dos homens. Com isso, eles criticam uma filosofia contemplativa, que apenas faça questões sobre a sociedade e não procure resolvê-las concretamente. Ao estudar o modo de produção capitalista, por exemplo, os dois filósofos buscam apreender as contradições entre burguesia e proletariado para resolver a questão da luta de classes.

Glossário

Liame. O mesmo que ligação, vínculo.

5.2 A ideologia

Para Marx, o conhecimento sobre a realidade aparece, muitas vezes, de maneira distorcida. É o que ele chama de **ideologia**, um conhecimento ilusório cuja finalidade é mascarar os conflitos sociais e garantir a dominação de uma classe sobre outra. Assim, as concepções filosóficas, éticas, políticas, estéticas e religiosas da burguesia são estendidas ao proletariado, perpetuando os valores da classe burguesa como verdades universais. Segundo Marx, isso impede que a classe dominada desenvolva uma visão de mundo mais universal e lute pela própria autonomia (figura 11).

Sob a perspectiva do materialismo histórico, Marx entrevia um momento na história em que a classe dominada desenvolveria um discurso universal, isto é, não mais restrito aos interesses de uma classe dominante. E, desse modo, os oprimidos poderiam lutar pela revolução, entendida como transformação radical do ser humano e da sociedade. Esse momento seria, então, a síntese do movimento dialético da história.

11



SUPERSTOCK/KEYSTONE

Figura 11 • No século XIX, Honoré Daumier fez uma dura crítica social às condições de vida dos trabalhadores na obra *O vagão de terceira classe* (1862).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 Uma visão de conjunto

No século XVIII, Kant propôs superar a dicotomia entre racionalismo e empirismo, a principal discussão epistemológica do século anterior. Fez isso aliando as formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento ao conteúdo fornecido pela experiência sensível, mas esbarrou nas antinomias da razão, que o impediam de conhecer as realidades metafísicas. A filosofia de Kant influenciou, no século XIX, as tendências idealistas e materialistas, entre as quais destacamos as filosofias de Hegel, Comte e Marx.

Hegel inovou ao perceber a realidade como um processo dialético: a razão é histórica, a verdade é construída no tempo. Desse modo, ele desconstruiu a visão estática e metafísica do mundo, dominante até então.

Comte, por sua vez, procurou entender o novo mundo criado pela ciência, pela tecnologia e pelo desenvolvimento industrial. Descartou a metafísica ao reconhecer a ciência positiva como um saber acabado, o ápice do conhecimento humano, configurando a concepção cientificista que marcaria um longo período.

Já Marx, a partir de uma visão materialista do mundo, via no conhecimento uma maneira de intervir no mundo (conhecer para transformar). Com a crítica da ideologia – o saber ilusório – ele antecipou questões que, no século seguinte, desencadearam a chamada "crise da razão".

Exercícios dos conceitos

1 Elabore um quadro comparativo destacando as principais características do idealismo e do materialismo.

Idealismo. Em Kant: mesmo que a experiência nos dê a matéria, não há conhecimento sem as formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento. Em Hegel: é a razão que constitui o real e determina a passagem do espírito subjetivo ao espírito objetivo, e deste, ao espírito absoluto.

Materialismo. Em Marx e Engels: os fatos econômicos determinam a consciência, mas nunca de maneira definitiva, já que o ser humano pode mudar as próprias condições materiais por meio da superação dialética.

2 Quais são as formas *a priori* da sensibilidade, segundo Kant?

O espaço e o tempo.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 Sob que aspecto Hegel inovou com sua concepção de história?

A história para Hegel não é linear, como uma sequência de fatos justapostos no tempo. Em vez disso, ela se faz pela contradição dialética, que leva ao autoconhecimento do espírito no decorrer do tempo.

4 Por que a doutrina de Comte é conhecida como positivismo?

Porque, segundo ele, o último estágio do conhecimento humano (após o teológico e o metafísico) é o positivo. É quando o espírito humano alcança a maturidade por meio das ciências, com observações e experimentações que levam à descoberta de leis universais.

5 Que inversão Marx e Engels realizaram no conceito hegeliano de dialética?

Na dialética de Hegel, a consciência é o dado primeiro (daí se tratar de uma filosofia idealista). Para Marx e Engels, o dado primeiro é o mundo material, ou seja, o contexto social e econômico de um momento histórico (daí se tratar de uma filosofia materialista).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Explique como, a partir da concepção do espaço e do tempo e das categorias, Kant tenta superar o racionalismo e o empirismo.

As formas *a priori* de espaço e tempo satisfazem a concepção racionalista, e as coisas exteriores que percebemos no espaço e no tempo atendem aos princípios empiristas, que valorizam a experiência. Porém, ao contrário dos racionalistas e dos empiristas, que viam em uma ou outra a condição para o conhecimento, Kant considera que tanto as formas *a priori* quanto a experiência sensível são fundamentais para esse processo.

2 Hume e Kant tratam do conceito de causalidade. Em que os dois filósofos divergem?

Para Hume, a causalidade depende do hábito, da crença. Para Kant, a causalidade é uma categoria do entendimento e, por isso, é condição do conhecimento.

3 Em que sentido Kant, Hegel, Comte e Marx criticaram a metafísica tradicional?

Para Kant, todo conhecimento necessita tanto de formas *a priori* quanto da experiência (a metafísica não atende à segunda exigência). Em Hegel, o ser é caracterizado pelo movimento, pelo vir a ser (ao contrário do que ocorre na metafísica, em que o ser é estático). Segundo Comte, a metafísica está presa a conceitos abstratos: o conhecimento verdadeiro é o positivo, verificado pela experiência científica. Para Marx, a metafísica restringe o conhecimento à essência do ser, quando este está em constante movimento dialético e se insere na história, que se faz por contradições.

4 Leia a citação de Comte e responda às questões abaixo.

> Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Essa máxima fundamental é evidentemente incontestável, se for aplicada, como convém, ao estado viril de nossa inteligência.
>
> COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 11.

a) Qual é a orientação predominante em Comte: empirismo ou racionalismo? Justifique.

É o empirismo, porque para ele não há conhecimento que não venha da experiência.

b) A que momento histórico ele se refere com a expressão "estado viril de nossa inteligência"?

Ao estado positivo, que segundo ele é o grau máximo de desenvolvimento do conhecimento humano.

c) Qual foi a influência exercida pelo positivismo na constituição das ciências humanas?

Na sociologia, na psicologia e em outras áreas do conhecimento, o positivismo foi incorporado como ideal de uma ciência objetiva, construída a partir da observação da realidade.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Analise o dístico "Ordem e progresso" da bandeira brasileira usando conceitos da filosofia positivista.

Para Comte, a ordem é o combate às turbulências, condição para que haja progresso científico, tecnológico e econômico. Esse princípio positivista influenciou os republicanos brasileiros, que escolheram esse dístico inspirados naquela doutrina.

6 (**UEL-PR**) Leia o texto a seguir.

> A razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar respostas por ultrapassarem completamente as suas possibilidades.
>
> KANT, I. Prefácio da primeira edição, 1781. Em: *Crítica da razão pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. p. 3.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Kant, o domínio dessas intermináveis disputas chama-se:

a) experiência.
b) natureza.
c) entendimento.
d) metafísica.
e) sensibilidade.

Dissertação

Redija no seu caderno um texto que relacione as ideias de Kant, Hegel, Comte e Marx.

Professor: Veja no Plano de Aulas (p. 9) as orientações a serem dadas para os alunos.

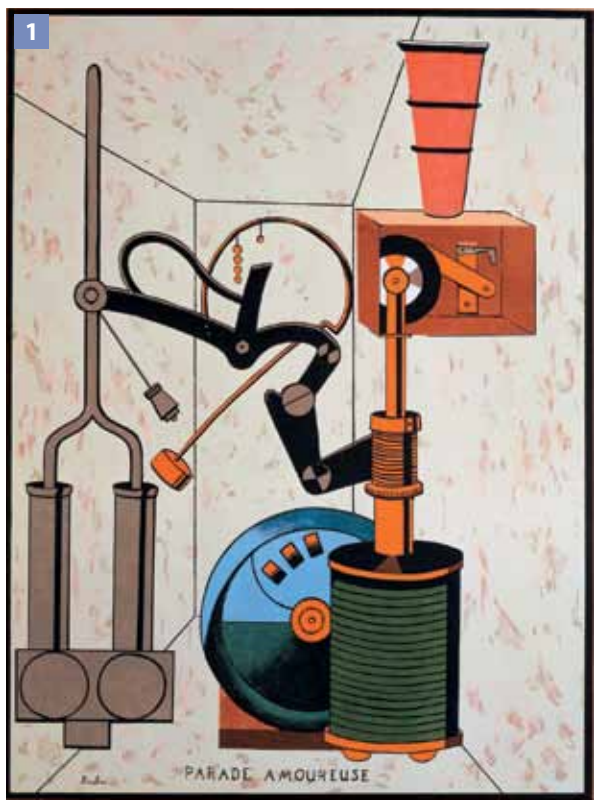
Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO 4

Filosofia contemporânea: a crise da razão

1 A crise da modernidade

Os primeiros sinais de que o paradigma da racionalidade estava entrando em crise vieram com o ceticismo de Hume (século XVIII) e tornaram-se mais agudos com o criticismo de Kant, que abalou a metafísica (figura 1). Essa mudança é também uma crise da ideia de subjetividade: a partir do final do século XIX, além de desconfiar da capacidade humana de conhecer a realidade objetiva, os pensadores passaram a duvidar de que poderiam ter um acesso transparente a si mesmos. Debruçando-se sobre a questão da "morte do sujeito", eles desconstruíram o conceito de subjetividade tal como ele fora pensado no decorrer da Idade Moderna.



ALBUM/AKG IMAGES/RABATTI DOMINGIE/LATINSTOCK

Figura 1 • *Parade amoureuse* (Desfile amoroso), de Francis Picabia (1917). Com essa máquina, uma engenhoca "que não serve para nada", o artista ironiza a racionalidade técnica, focada no útil e desviada dos fins propriamente humanos.

2 Antecedentes da crise

Pensadores influentes do século XIX, como Sören Kierkegaard e Friedrich Nietzsche, puseram à prova os alicerces da razão, antecipando as principais reflexões filosóficas do século XX.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2.1 Kierkegaard: razão e fé

O dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1885) é um dos precursores do existencialismo contemporâneo. Entre suas obras, destacam-se *Temor e tremor, O conceito de angústia* e *Migalhas filosóficas*. Severo crítico da filosofia moderna, Kierkegaard afirma que de Descartes a Hegel o ser humano não é visto como ser existente, mas como abstração – reduzido ao conhecimento objetivo. Para ele, em vez disso, a existência subjetiva, por meio da qual o indivíduo toma consciência de si, é irredutível ao pensamento racional.

Kierkegaard argumenta que a existência é permeada de contradições que a razão é incapaz de solucionar. Ele critica o sistema hegeliano por explicar a dialética por meio do conceito, quando deveria fazê-lo pela paixão. Afinal, sem ela o espírito não teria o impulso para dar o salto qualitativo, entendido como decisão, ou seja, como ato de liberdade. Por isso, é importante na filosofia de Kierkegaard a reflexão sobre a angústia que precede o ato livre.

A consciência das paixões leva o filósofo e teólogo a meditar sobre a fé religiosa como estágio superior da vida espiritual. Para ele, a mais alta paixão humana é a fé, uma paixão plena de paradoxos. Como exemplo, o filósofo cita Abraão, personagem do Antigo Testamento que se dispõe a sacrificar o próprio filho para obedecer à ordem divina: não porque a compreendesse, mas porque tinha fé. O estágio religioso é, para Kierkegaard, o último de um caminho que o indivíduo pode percorrer. Esse estágio seria superior inclusive à dimensão puramente ética da existência (figura 2).

2



MUSEU HERMITAGE, SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA

Figura 2 • *O anjo impede Abraão de sacrificar seu filho Isaac* (1635), tela de Rembrandt. Abraão transcende a ética ao aceitar a fé, apesar de seu conflito como pai. Porém, no momento crucial, um anjo deteve sua mão.

Reflita

Discuta com um colega a respeito da hierarquia entre ética e religião. Como você se sentiria no lugar de Abraão, e o que você teria feito se fosse ele?

Professor: A intenção não é discutir propriamente a decisão de Abraão, mas o confronto dramático entre dois valores: a razão e a fé.

2.2 Nietzsche: o critério da vida

Friedrich Nietzsche (1844-1900), ao deslocar o problema do conhecimento, alterou o próprio papel da filosofia. Para ele, o conhecimento não passa de interpretação, atribuição de **sentidos**, e jamais chega a ser uma explicação da realidade. Conferir sentidos é, também, conferir **valores**, porque os sentidos são atribuídos a partir de determinada escala de valores que se quer promover ou ocultar.

A tarefa da filosofia, então, é a de interpretar. Como método de decifração, Nietzsche propõe a **genealogia**, que coloca em relevo os diferentes processos de instituição de um texto, mostrando as lacunas, os espaços em branco, o que não foi dito ou foi recalcado. Esse método permitiria erigir determinados conceitos em verdades absolutas e eternas.

Glossário

Genealogia. Do grego *génos*, "origem", "nascimento", "descendência", e *logos*, "estudo", "razão". Em Nietzsche, genealogia significa o questionamento da origem dos valores.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Contudo, a vida é um devir – está sempre em movimento – e, portanto, não é redutível a conceitos abstratos, significados estáveis e definitivos.

Ao fazer o exame genealógico, Nietzsche pergunta-se que sentidos atribuídos às coisas fortalecem nosso querer-viver e quais o degeneram. Ao compreender a avaliação que foi feita desses instintos, descobre que o único critério que se impõe é a vida. O critério da verdade deixa de ser um valor racional para adquirir um valor de existência.

Glossário

Metáfora. Do grego *metaphorá*, "mudança", "transposição". É uma figura de linguagem que realiza a transposição do sentido próprio de uma palavra ao sentido figurado, estabelecendo uma comparação. Por exemplo, quando dizemos estar com "uma fome de leão", ou que suportamos uma desilusão com "nervos de aço".

Reflita

Para Nietzsche, educar para adequar ao que se julga natural é um modo de domesticação. Você concorda ou não? Justifique.

Professor: O que Nietzsche ressalta é que a ideia de "natural" deve passar pelo exame genealógico, para que se possa saber se essa regra de comportamento fortalece ou enfraquece, liberta ou domestica.

Como chegamos ao conhecimento, então?

> O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de **metáforas** (...). As verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.
>
> NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. §1. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 48. (Coleção Os Pensadores.)



ALBUM/AKG IMAGES /LATINSTOCK

Figura 3 • Na tela de Willem Kooning (*Woman II*, 1952), a figura feminina é grotesca, com olhos enormes e sorriso sinistro. O artista expressionista reage à fria racionalidade instrumental que reprime os instintos.

Nietzsche defende também a teoria do perspectivismo, que consiste em perseguir uma ideia a partir de diferentes pontos de vista. Essa pluralidade de ângulos não nos leva a conhecer o que as coisas são em si mesmas, mas é enriquecedora por nos aproximar da complexidade da vida em seu movimento (figura 3).

3 Fenomenologia e intencionalidade

A fenomenologia surgiu com o alemão Edmund Husserl (1859-1958) e influenciou filósofos importantes, como Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre. Em grego, **fenômeno** significa "o que aparece para nós". Assim, a fenomenologia aborda os objetos do conhecimento tais como aparecem, tais como se apresentam à consciência. Desse modo, os fenomenólogos criticam a filosofia tradicional por desenvolver uma metafísica cuja noção de ser é vazia e abstrata. No esforço de encontrar o que é dado na experiência, eles descrevem "o que se passa" efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma situação concreta.

O postulado básico da fenomenologia é a noção de **intencionalidade**, que significa "visar alguma coisa". Desse modo, toda consciência

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

é intencional, por sempre tender para algo fora de si. Sob esse aspecto, a fenomenologia posiciona-se:

- contra os racionalistas (como Descartes), porque não há pura consciência, separada do mundo – toda consciência é consciência de alguma coisa;
- contra os empiristas (como Locke), porque não há objeto em si – o objeto é sempre para um sujeito que lhe dá significado;
- contra os positivistas (como Comte), porque não há uma visão objetiva do mundo, dada por um conhecimento científico neutro – ao contrário, a ciência deveria ser humanizada a partir de uma nova relação entre sujeito e objeto, entre ser humano e mundo, considerados pelos fenomenólogos como polos inseparáveis.

A consciência é, portanto, doadora de sentido, fonte de significado. Conhecer é um processo que não acaba, é uma exploração exaustiva do mundo. Vale lembrar que a "consciência do mundo" não se reduz ao conhecimento intelectual, pois a consciência é fonte de intencionalidades não só cognitivas, mas também afetivas e práticas. Nosso olhar é o ato pelo qual temos a **experiência vivida** da realidade, percebendo, imaginando, julgando, amando, temendo etc. Nesse sentido, a fenomenologia é uma filosofia da vivência.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 A Escola de Frankfurt

Fundada em 1923 sob o nome de Instituto para a Pesquisa Social, a Escola de Frankfurt reuniu sociólogos, filósofos e cientistas políticos. Os que mais se destacaram foram Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse.

A filosofia dos frankfurtianos é conhecida como **teoria crítica**, em oposição à **teoria tradicional**, representada pelos filósofos desde Descartes e cujo racionalismo atingiu seu ápice no Iluminismo. Os frankfurtianos concluem que a razão, tradicionalmente exaltada por ser "fonte de luz", também traz sombras quando se torna instrumento de dominação.

Na obra *Eclipse da razão*, Horkheimer distingue dois tipos de razão: a razão cognitiva, que é a busca da verdade; e a razão instrumental, que visa agir sobre a natureza e transformá-la. Com o desenvolvimento das ciências aplicadas à técnica – que permitiu um enorme progresso da tecnologia –, a razão instrumental tomou tal vulto que se sobrepôs à razão cognitiva. Os teóricos frankfurtianos identificam algo de irracional nesse tipo de racionalidade. Em última análise, ela visa à dominação da natureza para fins lucrativos e coloca a ciência e a técnica a serviço do capital.

Os frankfurtianos criticam, assim, o controle da natureza exterior (dominação) e da natureza interior (repressão das paixões). A emancipação só será possível, então, no âmbito individual, quando for resolvido o conflito entre a autonomia da razão e as forças obscuras e inconscientes que a invadem.

5 Habermas: o agir comunicativo

Jürgen Habermas (1929-) é um dos principais representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt. Foi assistente de Adorno antes de seguir caminhos próprios de investigação filosófica. Escreveu *Conhecimento e interesse*, *A teoria do agir comunicativo*, *O discurso filosófico da modernidade*, entre outros livros.

Por ser mais novo que os fundadores da escola, Habermas encontra-se diante de uma realidade diferente: a sociedade industrial do capitalismo tardio, tecnologia avançada, produção em escala e consumo em massa. Esse novo contexto o levou

Glossário

Arqueologia. Do grego *arkhé*, "princípio", "causa original", e *logos*, "estudo". No trabalho filosófico de Foucault, consiste em buscar as origens de um determinado sistema de poder com base nos discursos que o constituem.

a elaborar uma teoria social baseada no conceito de **racionalidade comunicativa**, para contrapor-se à razão instrumental.

Com essa teoria, ele critica a filosofia da consciência na tradição moderna, por ser fundada em uma reflexão solitária, centrada no sujeito. Propõe outro paradigma em que a razão não seja monológica, mas dialógica. Desse modo, a razão seria o resultado de um entendimento intersubjetivo: os sujeitos, situados historicamente, estabeleceriam pela fala uma relação interpessoal numa comunidade comunicativa.

Essa "pluralidade de vozes" não paralisa a razão no relativismo, uma vez que, por meio do procedimento argumentativo, o grupo busca o consenso a partir de princípios que visam assegurar sua validade. A verdade não resultaria da reflexão isolada no interior de uma consciência solitária, mas do diálogo orientado por regras estabelecidas pelo próprio grupo. Habermas imagina uma **situação ideal de fala** em que os sujeitos evitariam a coerção e dariam condições para que todos os participantes do discurso exercessem os atos de fala. Interlocutor ativo dos teóricos da filosofia da linguagem, Habermas acredita que o critério da verdade não é a correspondência entre enunciado e fatos, mas **consenso discursivo** entre sujeitos.

6 Foucault: verdade e poder

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) descarta a possibilidade de buscar uma verdade essencial. Ao investigar como as ideias de loucura, disciplina e sexualidade foram construídas historicamente desde o século XVI, ele apresenta uma nova teoria, em que estabelece um nexo entre saber e poder. Suas principais obras são *Arqueologia do saber*, *História da loucura na era clássica*, *As palavras e as coisas*, *Vigiar e punir*, *História da sexualidade* e *Microfísica do poder*.

Para Foucault, a verdade não se encontra separada do poder; em vez disso, é o poder que gera o saber. De início, pelo **processo arqueológico**, ele identifica determinadas maneiras de pensar, certas regras de conduta que constituem um sistema de pensamento em um determinado período. Depois, ele propõe a tática genealógica, que consiste em explicar as mudanças ocorridas naquele sistema de discurso para saber como a verdade foi produzida no âmbito das relações de poder. Segundo Foucault, conhecer essa origem é uma maneira de libertar os saberes da sujeição a que foram historicamente levados.

Figura 4 • *A nau dos loucos* (*c* 1490-1500), de Hieronymus Bosch. No Renascimento, uma das expressões literárias e pictóricas mais recorrentes sobre a loucura é a "nau dos loucos". Essa embarcação levava os loucos a lugares distantes ou os deixava à deriva, assombrando a imaginação das pessoas.

4



MUSEU DO LOUVRE, PARIS

6.1 A exclusão da loucura

As investigações de Foucault tiveram início com a análise das condições de nascimento da psiquiatria. Ele descobriu, então, que o saber psiquiátrico não se constituiu para entender o que é a loucura, mas como instrumento de poder para dominar os sujeitos de comportamento desviante e confiná-los em instituições fechadas, separando "o louco do não louco, o perigoso do inofensivo, o normal do anormal" (figura 4).

Foucault relata, sobre a "nau dos loucos", que a proximidade entre loucura e sabedoria simbolizava uma ambiguidade entre razão e desrazão, entremeada por ameaça e zombaria. Na era clássica, aos poucos a loucura foi reduzida ao silêncio, para não

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

mais comprometer as relações entre a subjetividade e a verdade. A partir de então, a loucura começou a ser vista como doença, e seu controle passou a ser feito por instituições fechadas que se espalharam pela Europa nos séculos XVII e XVIII: a nau transformou-se em hospício. O mesmo tratamento foi dado aos pobres e desocupados – muitas vezes misturados na mesma instituição, com a intenção de homogeneizar as diferenças.

Reflita

Por que até hoje pessoas diferentes são alvo de preconceito ou são excluídas da sociedade? Que tipo de naus ainda navegam em nossos mares?

Professor: As naus simbolizam a segregação do diferente: nelas estão os rejeitados por raça, religião, posição social, orientação sexual e também os portadores de deficiência mental ou física.
Essa é uma oportunidade para discutir com os alunos a aceitação das diferenças.

6.2 Microfísica do poder

Para Foucault, à medida que a burguesia se constituiu como classe dominante, precisou de uma disciplina que excluísse os "incapazes" e os "inúteis para o trabalho", como os loucos e os mendigos. Nos séculos XVII e XVIII, surgiram diversos processos disciplinares para exercer essa dominação: nos colégios, nos hospitais, na organização militar, nas oficinas, na família e também pela medicalização da sexualidade.

O controle do espaço, do tempo e dos movimentos foi submetido ao olhar vigilante, que acabou por introjetar-se no próprio indivíduo. Esse poder não é exercido pela violência aparente nem pela força física, mas pelo adestramento do corpo e do comportamento, a fim de "fabricar" o tipo de trabalhador adequado para a sociedade industrial capitalista.

Desse modo, desenvolve-se uma "microfísica do poder". Isso porque, para Foucault, o poder não se exerce de um ponto central (por exemplo, do Estado), mas está disseminado em uma rede de instituições. As próprias pessoas, nas suas relações e a partir de certos saberes constituídos, fazem o poder circular. Cabe à **genealogia do saber** investigar, então, como o poder produz o saber.

7 Pragmatismo e neopragmatismo

O **pragmatismo** é uma contribuição filosófica dos Estados Unidos e desenvolveu-se a partir do final do século XIX. No século seguinte, deu origem a diferentes tendências filosóficas. Herdeiro da tradição do empirismo britânico de Locke, Hume e Stuart Mill, o pragmatismo buscou libertar-se da metafísica racionalista. Os principais representantes do pragmatismo foram Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952).

Glossário

Pragmatismo. Do grego *pragma*, "ato", "ação". Logo, *pragmatikós* = "relativo aos fatos, aos negócios".

7.1 Crítica ao fundacionismo

Tanto o racionalismo quanto o empirismo traziam problemas para estabelecer o critério da verdade, porque sempre esbarravam na exigência de um **fundamento**, um ponto de partida, como garantia da evidência de nossas crenças. Por exemplo, justificar uma crença baseando-se em outra, em outra e mais outra, até chegar a uma que seja o ponto de partida e que sustente as demais, como uma "fundação". Se usarmos a metáfora de um edifício, todos os tijolos se sustentam pela fundação. Foi assim que Platão chegou à noção de Bem, que ele identifica a Deus e é o fundamento de seu idealismo; ou, no caso de Descartes, a ideia clara e distinta do *cogito* constitui o fundamento de sua filosofia racionalista.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que é o fundacionismo?

Denomina-se fundacionismo ou fundacionalismo a tendência epistemológica que entende a verdade como "crença justificada". O conhecimento é uma estrutura que se ergue a partir de fundamentos certos e seguros, tal como na metafísica tradicional.

Ao fundacionismo da filosofia tradicional o pragmatismo contrapõe a **experiência** como um conjunto de relações que os seres humanos estabelecem entre si e com o entorno. O teste da verdade é a experiência, entendida como uma atividade conceptual capaz de guiar nossas ações futuras na nossa relação com o ambiente. Ou seja, os conceitos não são ideias abstratas, mas instrumentos para orientar a ação.

Por isso, o pragmatista Dewey evita usar os termos "verdade" ou "verdadeiro", porque remetem a algo estático, aceito de uma vez por todas; esses termos não correspondem, portanto, à experiência, que é dinâmica, uma constante reconstrução da realidade. Logo, a verdade depende dos resultados práticos alcançados pela ação.

Vale lembrar que o pragmatismo filosófico não reduz grosseiramente a verdade à utilidade. Para William James, outro importante pragmatista, uma proposição é verdadeira quando funciona, isto é, quando permite que nos orientemos na realidade e nos transportemos de uma experiência a outra.

7.2 O neopragmatismo de Rorty

O filósofo americano Richard Rorty (1931-2007) escreveu, entre outras obras, *Contingência, ironia e solidariedade* e *A filosofia e o espelho da natureza*. Rorty recusa-se a buscar a verdade objetiva. Ele critica a epistemologia tradicional, segundo a qual a mente humana teria a capacidade de espelhar a natureza e atingir sua representação precisa. Propõe uma nova concepção de filosofia, antiplatônica por excelência, e rejeita o fundacionismo, como os demais pragmatistas.

No entanto, enquanto os pragmatistas clássicos se referem à "experiência", Rorty e outros pragmatistas contemporâneos falam de "linguagem". Porém, a linguagem é para eles não simplesmente uma forma de comunicação, mas um meio de ligar os objetos uns aos outros. Exemplo: não podemos saber o que é uma mesa a não ser ligando-a a conceitos como: é de madeira, castanha, dura; machuca se esbarramos nela; é velha. Do mesmo modo, o número 10 só tem sentido na sua relação com outros: está entre o 9 e 11, é a soma de 6 e 4, é divisível por 2.

Rorty abandona de vez a tentativa de construir uma teoria da verdade. Ele decide, então, examinar as relações linguísticas e a relação entre as pessoas. Para ele, a racionalidade aperfeiçoa-se na comunidade, pela troca de versões e de crenças. O significado está sempre em aberto, por meio de uma reflexão que não dispensa o diálogo permanente, uma "grande conversação" capaz de buscar as novas crenças e as novas descrições de um mundo em mutação.

8 A filosofia da linguagem

A crítica à metafísica e à possibilidade de atingir a verdade a partir da noção de subjetividade encontra sua posição mais radical na filosofia analítica, que abandona as noções do "sujeito que conhece" para se limitar à investigação da linguagem: nossa relação com o mundo é uma relação de significação. Enquanto a filosofia tradicional promovia a investigação das essências ou a descrição de uma dimensão existencial das coisas, a filosofia analítica privilegia a apreensão dos conceitos, usando os novos recursos da linguística e da lógica.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Chama-se "virada linguística" a revolução que fez surgir esse novo paradigma da epistemologia. Entre os principais representantes dessa corrente, destaca-se Ludwig Wittgenstein.

8.1 Ludwig Wittgenstein

O austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) é considerado um dos principais filósofos do século XX. Suas obras tiveram grande impacto nas discussões sobre a relação entre linguagem e pensamento. Segundo alguns, isso repercutiu no positivismo lógico do Círculo de Viena e na filosofia analítica da Escola de Oxford, apesar das posições muitas vezes conflitantes. Wittgenstein escreveu *Tractatus logico-philosophicus* e, mais tarde, repensou sua filosofia e reformulou-a na obra *Investigações filosóficas* (figura 5).

Wittgenstein criou a expressão "jogos de linguagem" para indicar que os significados das palavras são inúmeros e estão sempre em movimento: recriados uns, esquecidos outros. Suponhamos, por exemplo, o termo *água*. Se você diz simplesmente "água!", isso pode ter vários significados, dependendo das circunstâncias: "tenho sede", "rendo-me ao adversário", "preciso apagar o incêndio", "quero ensinar uma criança a falar *água*".

Logo, não se trata mais de uma representação, mas de uma hipótese cuja adequação à realidade precisa ser conferida. Em cada jogo específico, a palavra ganha um significado pelo uso que assume: a linguagem muda conforme o contexto – pedir, ordenar, aconselhar, xingar, narrar etc.

E a filosofia, para que serve? É preciso, primeiro, curar a cegueira do filósofo, acostumado a abstrações e generalizações, para que ele olhe os antigos fenômenos estudados sob uma nova ótica, prestando atenção às formas de vida e à multiplicidade de sentidos. Cabe à filosofia apenas descrever, analisar, elucidar a linguagem. A elucidação filosófica das regras no uso dos jogos de linguagem faz parte da batalha "contra o enfeitiçamento de nossa inteligência por meio da linguagem" (figura 6).


5

FRANCIS G. MAYER/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 5 • *Retrato de Margaret Stonborough-Wittgenstein* (1905). O pintor Gustav Klimt frequentava a casa da família de Wittgenstein e retratou Margaret, irmã do filósofo. Eram assíduos também os compositores Johannes Brahms, Clara Schumann e Gustav Mahler.



6

PHOTO CNAC/MNAM DIST. RMN - PHILIPPE MIGEAT/OTHER IMAGES

Figura 6 • A obra *One and three chairs* (Uma e três cadeiras), de Joseph Kosuth, (1965), é um exemplo de arte conceitual. Ao mostrar a cadeira três vezes – a própria cadeira, a fotografia dela e o verbete de um dicionário –, é como se ele perguntasse ao espectador: qual das três é a verdadeira cadeira?

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Glossário

Bauhaus. Do alemão "construindo uma casa": nome de uma escola de arquitetura e desenho industrial alemã que funcionou na década de 1920. O estilo era geométrico e austero, mas refinado e muito funcional.

Eclético. Que mistura um pouco de cada estilo.

9 O discurso da pós-modernidade

Nas duas últimas décadas do século XX, ocorreram transformações cruciais na nossa sociedade. A revolução promovida pela informática e a fragmentação dos saberes em blocos (tais como as concepções sistemáticas da ciência, da literatura, da arte e da filosofia) são algumas das características do que se convencionou chamar de pós-modernidade.

O conceito de pós-moderno não é de fácil definição, pois há diferentes explicações para o fenômeno. De maneira geral, consiste num estado de espírito que descrê na herança das Luzes: não se aceitam mais os grandes sistemas, como o marxismo e o liberalismo; perdeu-se a esperança depositada no progresso; não se sustenta mais a ilusão de que a razão é capaz de fazer surgir uma sociedade mais harmônica. Tudo parece envelhecido e ultrapassado, cada vez mais distante do sonho iluminista da libertação humana pelo conhecimento.

Que tipo de acontecimentos nos lançaram na descrença? Basta lembrar dois exemplos: a Alemanha letrada produzindo o Holocausto e o mais alto conhecimento da física contemporânea criando a bomba que destruiu Hiroshima e Nagasaki. Além disso, os valores morais sustentados por princípios absolutos e universais são substituídos pela diversidade dos valores vitais e pela espontaneidade.

As vanguardas artísticas perdem, então, sua força de escândalo. A arquitetura pós-moderna ironiza as teorias da funcionalidade – desenvolvidas pela escola **Bauhaus** – e propõe criações com referências **ecléticas** ao passado (figura 7).

Na filosofia, o pensamento pós-moderno foi tematizado por Jean-François Lyotard (1924-1998). Outros filósofos, como Foucault, Rorty, Davidson, Derrida e Gianni Vattimo, expressam as perplexidades desse período.

7



Figura 7 • Piazza d'Italia, Nova Orleans. O arquiteto Charles Moore realiza uma volta ao passado: combinando o antigo com o moderno, ele produz uma mistura de estilos (colunas gregas sob luz de néon vermelha, frontões e excesso de cores).

THOMAS HOEPKER/MAGNUM PHOTOS/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

10 Razão e irracionalismo

Desde o final do século XIX, nos inúmeros caminhos apontados pela filosofia, vêm sendo abertas discussões sobre os enganos do racionalismo exacerbado. Hoje em dia, não é mais possível acreditar ingenuamente que somos seres essencialmente racionais. Muito além da razão, a exemplo de Nietzsche, buscamos a gênese dos valores e a recuperação dos instintos vitais. Com as contribuições de Freud e Marx, admitimos que a razão pode também ser deturpadora e pervertida. Não mais aceitamos a verdade como representação, espelho da realidade. E, segundo a filosofia da linguagem, nossa relação com o mundo é sempre uma relação de significação.

A humanidade se defronta, hoje, com os impasses de uma razão que produz o irracionalismo – sobretudo quando ela se torna arma do poder e agente do autoritarismo, em vez de ser instrumento da liberdade. Alguns filósofos, a exemplo dos pós-modernos, discutem esses impasses e criticam a redução do humano à racionalidade. Outros, por outro lado, buscam recuperar o impulso da Ilustração, que sustentava a esperança de construção racional do nosso destino, livre da tirania e das superstições. Para estes, o paradigma da racionalidade moderna precisa ser contestado, mas pela atividade crítica de uma razão mais completa e mais rica, que dialoga e se exerce na intersubjetividade.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Por que o título do capítulo se refere à "crise da razão"?

Porque, a partir do final do século XIX, os filósofos passaram a questionar o poder da razão em servir ao conhecimento humano.

2 O que significa a experiência religiosa para Kierkegaard?

A fé é uma experiência superior da vida espiritual, apesar das contradições e da aparente irracionalidade. Ela é superior inclusive à dimensão ética da existência.

3 Como a fenomenologia, com o conceito de intencionalidade, se contrapôs à teoria do conhecimento tradicional?

A fenomenologia se opôs ao racionalismo e ao empirismo porque nem a razão nem o objeto são determinantes do conhecimento. Pela intencionalidade, o sujeito sempre tende para algo fora de si.

4 Em que consiste a "virada linguística"?

Na Antiguidade, o conhecer estava centrado no ser metafísico; na Idade Moderna, o centro era o sujeito. Com a virada linguística, o foco foi desviado para a análise da linguagem, vertente da qual Wittgenstein foi um dos principais representantes.

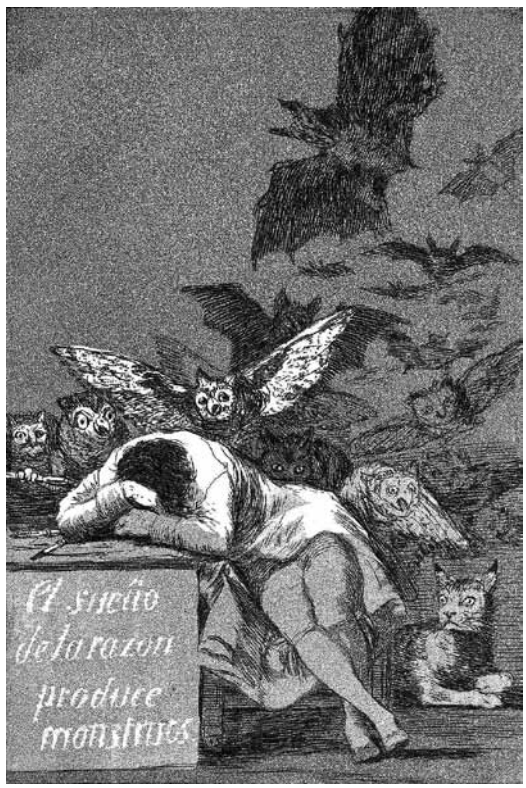
Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

1 O que Nietzsche quer dizer quando enuncia que a verdade é um "batalhão de metáforas" ou que "as verdades são ilusões"? O que essas afirmações representaram para a teoria do conhecimento contemporânea?

Nietzsche é conhecido como um dos "mestres da suspeita", ao afirmar que as verdades absolutas escondem significados que foram recalcados e, por isso, perdem o valor, "não são mais moedas". Nietzsche é um dos pioneiros na reflexão contemporânea que levou à crise da razão.

2 Leia o comentário do filósofo inglês Simon Blackburn, na introdução de seu livro *Pense*, a respeito da tela *O sonho da razão produz monstros*, do pintor espanhol Francisco Goya. Em seguida, responda às questões.



BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS

Há correntes acadêmicas no nosso tempo que questionam a própria noção de verdade, de razão, ou a possibilidade da reflexão desapaixonada. (...) Posso prometer que este livro está de cara levantada ao lado da tradição e contra qualquer ceticismo moderno, ou pós-moderno, quanto ao valor da reflexão.

O mote completo de Goya para sua gravura é o que segue: "A imaginação abandonada pela razão produz monstros impossíveis; unida a ela, é a mãe das artes e a fonte dos seus encantos". É assim que devemos encarar as coisas.

BLACKBURN, Simon. *Pense*. Lisboa: Gradiva, 2001. p. 22.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Usando os conceitos aprendidos neste capítulo, analise a frase de Goya, que contrapõe as duas possibilidades da imaginação.

As duas possibilidades da imaginação: se abandonada pela razão, produz monstros; unida a ela, é fecunda e fonte de alegrias. O aluno poderá selecionar e explicar diversos aspectos desenvolvidos no capítulo: as denúncias da Escola de Frankfurt sobre a razão instrumental e a necessidade de resgatar a razão cognitiva; a proposta da genealogia em Nietzsche e Foucault; Habermas e Rorty sobre o diálogo possível etc.

b) Indique qual é a posição de Blackburn.

Blackburn posiciona-se contra os ceticismos e o movimento pós-moderno. Ele confia na razão e no valor da reflexão.

3 A partir desta citação, responda às questões.

> Historicamente, o processo pelo qual a burguesia tornou-se no decorrer do século XVIII a classe politicamente dominante abrigou-se atrás da instalação de um quadro jurídico explícito, codificado, formalmente igualitário, e através da organização de um regime de tipo parlamentar e representativo. Mas o desenvolvimento e a generalização dos dispositivos disciplinares constituíram a outra vertente, obscura, desse processo.
>
> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 194.

a) Quais são os dispositivos disciplinares a que se refere Foucault?

São aqueles que não se impõem pela violência, mas pelo adestramento do corpo e do comportamento; encontram-se disseminados em diversos espaços da sociedade, caracterizando uma *microfísica do poder*.

b) Justifique com um exemplo o fato de que, para Foucault, o poder antecede o saber.

Resposta pessoal.

Professor: Por exemplo: no nascimento do capitalismo, para que a mão de obra se tornasse dócil e trabalhasse nas fábricas que então se constituíam, o comportamento foi regrado. Foram excluídos os loucos, os mendigos e os vagabundos.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 A partir da citação de Horkheimer, responda às questões.

> Se por evolução científica e progresso intelectual queremos significar a libertação do homem da crença supersticiosa em forças do mal, demônios e fadas, e no destino cego – em suma, a emancipação do medo – então a denúncia daquilo que atualmente se chama de razão é o maior serviço que a razão pode prestar.
>
> HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. p. 198.

a) No início da frase, Horkheimer elogia o racionalismo iluminista. Explique como ele o faz.

A herança iluminista critica as superstições, e essa é para ele uma das funções da razão.

b) Em seguida, o filósofo denuncia a razão. Por quê?

Quando a razão não está voltada aos interesses genuinamente humanos, torna-se responsável pela dominação da natureza e por colocar a ciência e a técnica a serviço do capital. Cabe, então, à razão cognitiva identificar e criticar a primazia da razão instrumental.

5 Leia a citação de Rorty e responda às questões.

> A imagem que mantém cativa a filosofia tradicional é a da mente como um grande espelho, contendo variadas representações – algumas exatas, outras não – e capaz de ser estudado por meio de métodos puros, não empíricos.
>
> RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p. 27.

a) O que Rorty contrapõe a essa interpretação do conceito de verdade da filosofia tradicional?

Rorty nega a possibilidade de conhecer a realidade como um espelho e afirma a superioridade da linguagem, ou seja, a relação das coisas entre si e a troca de versões e crenças no seio da comunidade.

b) Além de Rorty, também Habermas e Wittgenstein contrapõem-se à concepção tradicional de conhecimento. Explique.

Pelo mesmo motivo, mas de maneiras diferentes, Wittgenstein (jogos de linguagem) e Habermas (consenso discursivo) deslocam o foco da verdade da metafísica para a linguagem.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 (**UEL-PR**) É amplamente conhecido, na história da filosofia, como Descartes coloca em dúvida todo o conhecimento, até encontrar um fundamento inabalável; uma espécie de princípio de reconstituição do conhecimento. Neste processo, Descartes elege uma regra metodológica que o orientará na busca de novas verdades. A regra geral que orientará Descartes na busca de novas verdades é:

a) a possibilidade do mundo externo.

b) a possibilidade de unirmos corpo e alma.

c) a clareza e distinção.

d) a certeza dos juízos matemáticos.

e) a ideia de que corpo e alma são entidades distintas.

Professor: O aluno deverá fazer um exercício de atenção: a pergunta é específica, porque pede a regra metodológica em questão.

Dissertação

Redija no seu caderno uma dissertação cujo tema seja o seguinte questionamento: "O ser humano é centro de si mesmo?". Resposta pessoal.

Professor: A intenção é que o aluno perceba que a ilusão do sujeito como centro do conhecimento foi criticada pelos filósofos contemporâneos, e que ele justifique como essa crítica foi feita.

Exercícios de integração

1 Leia o texto e a citação e responda às questões.

No romance *O nome da rosa*, ambientado na Idade Média, mais precisamente em 1327, o escritor italiano Umberto Eco conta a história de um franciscano inglês, Guilherme de Baskerville, e seu discípulo, o noviço Adso, que chegam a um mosteiro dominicano na Itália a fim de investigar o motivo do assassinato de vários frades. Guilherme é filósofo, e assim explica ao noviço:

> Se tu vês alguma coisa de longe e não entendes o que seja, contentar-te-ás em defini-la como um corpo extenso. Quando se aproximar de ti, defini-la-ás como um animal, mesmo que não saibas ainda se é um cavalo ou um asno. E por fim, quando estiver mais perto, poderás dizer que é um cavalo, mesmo que não saibas ainda se Brunello ou Favello. E somente quando estiveres à distância apropriada verás que é Brunello (ou esse cavalo e não outro, qualquer que seja o modo como decidas chamá-lo). E esse será o conhecimento pleno, a intuição do singular. (...) De modo que as ideias, que eu usava antes para figurar-me um cavalo que ainda não vira, eram puros signos, como eram signos da ideia de cavalo as pegadas sobre a neve: e usam-se signos e signos de signos apenas quando nos fazem falta as coisas.
>
> ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 43.



NEUE CONSTANTIN FILM PRODUKTION/ALBUM CINEMA/LATINSTOCK

Cena do filme *O nome da rosa* (1986), de Jean-Jacques Annaud.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) A propósito da questão dos universais, identifique a tendência na qual poderíamos incluir frei Guilherme.

Nominalismo: os universais são apenas palavras; o individual é mais real.

b) Explique como essa tendência reapareceu na Idade Moderna e na filosofia contemporânea.

Na Idade Moderna, Locke diz que as ideias complexas que alcançamos pela reflexão são apenas nomes e não têm valor de conhecimento objetivo. Na filosofia da linguagem, conhecer é investigar o sentido, a significação, e não o que é real em si.

2 Analise a citação e explique como Platão vê a relação entre corpo e alma.

> O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (...) não recebemos na verdade nenhum pensamento sensato. (...) Inversamente, obtivemos a prova de que, se alguma vez quisermos conhecer os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só então é que nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos amantes: a sabedoria.
>
> PLATÃO. *Fédon*. 65c e 65d.
> São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 73-74. (Coleção Os Pensadores.)

Platão estabelece uma hierarquia entre corpo e alma: o corpo é impedimento para o conhecimento verdadeiro; a alma só consegue alcançar o conhecimento verdadeiro quando se desprende do mundo das sensações.

3 Leia o trecho de Aristóteles e responda às questões.

> É evidente que há um princípio e que as causas dos seres não são infinitas (...). Com efeito, não é possível que, como da matéria, isto proceda daquilo até o infinito, por exemplo, a carne da terra, a terra do ar, o ar do fogo e isto sem parar; nem quanto àquilo donde é o movimento [a origem do movimento], sendo por exemplo o homem movido pelo ar, o ar pelo sol, o sol pela discórdia, sem que disto haja um limite.
>
> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro II, Capítulo II.
> São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 240. (Coleção Os Pensadores.)

a) Percebe-se que Aristóteles refere-se à origem do movimento: aonde ele quer chegar com esse raciocínio?

Ele pretende chegar à necessidade de reconhecer uma causa primeira, Deus.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

b) Como Hume contesta Aristóteles?

Para Hume, não se pode dizer que uma coisa é causa de outra: a noção de causalidade não está nos próprios fatos, mas depende do hábito e da crença.

c) E Comte, o que diria?

A visão metafísica do mundo é uma etapa ultrapassada do espírito humano, que com a ciência atingiu o estado positivo.

4 O texto a seguir é do filósofo francês Gilles-Gaston Granger.

> A razão, longe de ser uma forma definitivamente fixa do pensamento, é uma incessante conquista. Em perpétua concorrência com as atitudes ditas irracionais, ela constitui em cada época uma figura de equilíbrio provisório da imaginação criadora, e enquanto tal, através de mil vicissitudes, permanecerá como uma das forças mais vivas de nossa civilização.
>
> GRANGER, Gilles-Gaston. *A razão*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962. p. 127-128.

a) Identifique dois filósofos estudados no capítulo aos quais o texto de Granger se aplica.

Hegel e Marx.

b) Justifique sua resposta.

Tanto Hegel quanto Marx têm uma concepção dialética segundo a qual a história se faz pela superação das contradições. A diferença entre eles é que Hegel é idealista e Marx é materialista.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura visual

Observe as reproduções, que representam três momentos históricos diferentes:



ALBUM/AKG IMAGES/NIMATALLAH/LATINSTOCK

Imagem 1.



IGREJA DE S. FRANCISCO DE ASSIS, ITÁLIA

Imagem 2.



MAGRITTE, RENÉ, "TRAIÇÃO DAS IMAGENS," 1928/29, LICENCIADO POR AUTVIS, BRASIL, 2009.

Imagem 3.

Imagem 1: O mosaico bizantino data da Idade Média, século VI. Nele, o imperador Justiniano está no centro e é a figura maior do seu séquito. A rigidez e a imobilidade da representação não decorrem da inabilidade do artista, mas da maneira pela qual se expressa o conteúdo marcado pela severa hierarquia de classes, estabelecida pela organização social teocrática do Império Bizantino do Oriente.

Imagem 2: O afresco de Giotto é do começo do século XIV. Giotto, primeiro mestre do novo Humanismo pré-renascentista, rompeu com o estilo linear da era bizantina, quebrando a rigidez da representação. A cena situa-se em paisagem terrena e o fundo é trabalhado com árvores, pedras, animais; as figuras humanas têm "movimento", são expressivas, e há inclusive um esforço do pintor para superar a bidimensionalidade, que até então era característica da pintura medieval.

Imagem 3: A tela *A traição das imagens* – Isto não é um cachimbo (*Ceci n'est pas une pipe*) –, de Magritte, teve várias versões na década de 1920. Assim comentou o próprio Magritte: "O famoso cachimbo... Como fui censurado por isso! E entretanto... Vocês podem encher de fumo o meu cachimbo? Não, não é mesmo? Ela é apenas uma representação. Portanto, se eu tivesse escrito sob meu quadro 'isto é um cachimbo', eu teria mentido".

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 O contraste entre as obras representa as mudanças na mentalidade que iria vigorar nos três períodos citados. Tendo em vista o que foi estudado no módulo, responda às perguntas.

a) Que mudanças ocorreram na passagem da Idade Média para o Renascimento?

As duas primeiras imagens revelam o contraste entre o mundo medieval, em que existia uma organização rígida, severa, mística, e a passagem para o Humanismo renascentista, em que o olhar se volta para a realidade presente, para o mundo vivido pelas pessoas no seu cotidiano.

b) Faça um comentário pessoal sobre a tela de Magritte: em que ela contrasta fortemente com as duas anteriores?

Resposta pessoal. O aluno pode observar que uma delas retrata um imperador, e a outra, pessoas comuns, mesmo que entre elas haja um santo. Magritte pinta um objeto do cotidiano, com uma frase instigante. Nas duas primeiras estamos diante de pessoas que representam realidades que não se questionavam: o poder e a fé. Na última, a ironia do pintor brinca com as ambiguidades das linguagens e do saber humano.

2 Em que o afresco de Giotto prenuncia as questões sobre o conhecimento que iriam prevalecer na Idade Moderna?

O olhar sobre o mundo antecipa a preocupação com o conhecimento da natureza (árvores, pedras, animais), o que pode sugerir o interesse pela experiência.

3 A tela de Magritte provoca questionamentos, que remetem à linguagem e à multiplicidade de sentido das palavras. Em sua opinião, quais questões seriam essas?

A resposta é ampla e está em aberto. O aluno pode se referir à filosofia aristotélico-tomista, para a qual "a verdade é a adequação do objeto ao pensamento" e diante da qual podemos perguntar: De que verdade se fala? Da verdade da coisa ou da imagem da coisa? Outro aspecto é o das filosofias baseadas na evidência, tal como a cartesiana. Atualmente, o critério da evidência não é fundamento para a teoria do conhecimento: diante da ambiguidade dos sentidos, o que é evidente? Wittgenstein adverte sobre os sentidos das palavras, que podem ter vários significados, dependendo das circunstâncias.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conexões

REPRODUÇÃO



Para ler

- *A República*, de Platão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
  Trata-se do mais famoso diálogo do filósofo grego Platão. Escrito no século IV a.C., o texto é narrado por Sócrates. Ao refletir sobre a natureza da justiça, discute as relações entre ética e política. É imaginada uma república fictícia – espécie de "cidade ideal" –, a partir da qual se analisam as estruturas sociais.
- *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. São Paulo: Artmed, 2009.
  É talvez o principal texto do filósofo grego Aristóteles sobre a ética, escrito no século IV a.C. Ele sustenta que todo indivíduo, ação ou escolha são orientados para um fim específico: o bem. A fim de buscar a felicidade, o caminho do homem é uma vida virtuosa e justa, atingida por aqueles que são prudentes e educados pelo hábito.
- *O discurso do método*, de René Descartes. São Paulo: Paulus, 2002.
  Tratado matemático e filosófico, publicado em 1637, foi um dos pilares do que ficou conhecido como sistema cartesiano. A obra propõe um método para a condução do pensamento, fazendo uma ferrenha defesa da razão em detrimento dos sentidos. Está nele a famosa frase "penso, logo existo".
- *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
  Lançado em 1960, o livro faz uma espécie de "história das ideias" ao analisar as "camadas" de saber em três épocas diferentes: a Renascença (século XVI), a Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e a modernidade (séculos XIX e XX). Com isso ele busca descobrir o que constitui o conhecimento nesses diferentes contextos.

REPRODUÇÃO



Para assistir

- *Matrix*, de Andy e Larry Wachowski. EUA, 1999, 136 min.
  Sucesso estrondoso de bilheteria, faz um retrato apocalíptico do mundo por volta do ano 2200. As máquinas dominaram os seres humanos, presos como fonte de energia dentro de programas de realidade virtual. Neo, o Escolhido dentre os poucos homens ainda livres, comanda uma reação. Há todo um questionamento filosófico levantado a partir de um ponto central: o que é real?
- *Irmão Sol, Irmã Lua*, de Franco Zeffirelli. Itália, 1972, 115 min.
  Um dos mais festejados filmes do cineasta italiano, narra a história de Francesco de Bernardone, que depois seria canonizado como São Francisco de Assis. Há uma ênfase especial em sua infância e na vida após a guerra, quando Francesco abdica de riquezas e posses buscando uma comunhão verdadeira com a natureza e com os desígnios divinos, base do pensamento franciscano.

- *O nome da rosa*, de Jean-Jacques Annaud. França/Itália/Alemanha, 1986, 130 min.
  Baseado no livro homônimo, primeiro romance do italiano Umberto Eco, o filme traz um enredo policial clássico em que um monge franciscano é convocado para solucionar a morte de sete monges em um mosteiro, no ano de 1327. Traça um perfil da sociedade da época ao tocar em temas como poder, heresia, conhecimento, fé e mistificação.

- *Sombras de Goya*, de Milos Forman. EUA/Espanha, 2006, 113 min.
  Ambientado na Espanha na virada para o século XIX, trata do notório pintor Francisco Goya e sua luta para resgatar sua musa, Inês Bilbatua. Ela é perseguida pela Inquisição após ter sido acusada de heresia por um padre que é obcecado por ela. A eclosão da Revolução Francesa e seus efeitos trazem profundas alterações nos rumos da história.

- *A classe operária vai ao paraíso*, de Elio Petri. Itália, 1971, 110 min.
  Lulu é um operário dedicado, o que lhe rende a simpatia dos superiores e olhares desdenhosos dos colegas. Alheio aos protestos e manifestações, é um homem afinado com os ideais de consumo e felicidade da classe média. É um dos marcos do cinema comunista italiano, trazendo a discussão sobre o sindicalismo para as telas.



REPRODUÇÃO

Para navegar

- Museu Hermitage (www.hermitagemuseum.org)
  O Museu Hermitage, em São Petersburgo, na Rússia, é um dos mais importantes do mundo, com uma coleção que abrange mais de 3 milhões de itens. Pelo *site* é possível fazer passeios virtuais pelo acervo, que ganhou vida no filme *Arca russa*, de Aleksandr Sokurov, de 2002.

- Museus Vaticanos (http://mv.vatican.va)
  É seguramente a coleção mais importante de arte sacra em todo o planeta, de diversas instituições ligadas à Santa Sé. São 500 anos reunindo um acervo que é visitado por mais de 4 milhões de pessoas por ano. Entre os pontos altos, as Salas (*stanze*) de Rafael, decoradas pelo pintor no início do século XVI, e a Capela Sistina, uma das obras mais fantásticas de Michelangelo.

Navegando no módulo

TEORIAS DO CONHECIMENTO DA ANTIGUIDADE À IDADE CONTEMPORÂNEA

Período metafísico
O que é o ser? Isso que existe, o que é?

Antiguidade
Busca da essência

Heráclito
Tudo flui.

Parmênides
O ser é imóvel.

Platão
Mundo sensível — Ilusório
Mundo inteligível — Verdades eternas e imutáveis

Aristóteles
Substância: essência e acidente
Verdade: adequação do conceito à coisa real

Idade Média
Razão e fé

Platonismo: mundo das ideias: ideias divinas

Tomás de Aquino
Filosofia aristotélico-tomista

A metafísica da modernidade
A subjetividade

Idade Moderna
O que é possível conhecer?
Qual é o critério de certeza?

Racionalismo
Descartes: as ideias inatas

Empirismo
Bacon: a experiência
Locke: a tábula rasa
Hume: hábito e crença

Criticismo
Kant
Só é possível o conhecimento dos fenômenos.
O ser em si é inacessível à razão.

Idade Contemporânea
O que é real?

Idealismo
Hegel
Só o racional é real.
A razão é histórica.

Positivismo
Comte
Estado positivo

Materialismo dialético
Matéria: fonte da consciência

A crise da razão
Críticas à verdade como representação
Investigação da linguagem: a busca do sentido

UNO INTERNACIONAL
FILOSOFIA
Maria Lúcia de Arruda Aranha